

O CASO DOS IRMÃOS NAVES

roteiro original
comentado por
**JEAN CLAUDE
BERNARDET**

de Luis Sérgio Person & Jean Claude Bernardet

O Caso dos Irmãos Naves
(Chifre em Cabeça de Cavallo)

Argumento e Roteiro
Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
RESPEITO POR VOCÊ

Governador
Secretário Chefe da Casa Civil

Geraldo Alckmin
Arnaldo Madeira

imprensaoficial

Diretor-presidente
Diretor Vice-presidente
Diretor Industrial
Diretor Financeiro e
Administrativo
Núcleo de Projetos
Institucionais

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Hubert Alquéres
Luiz Carlos Frigerio
Teiji Tomioka
Alexandre Alves Schneider
Vera Lucia Wey



Presidente
Projetos Especiais
Diretor de Programação

Fundação Padre Anchieta

Marcos Mendonça
Adélia Lombardi
Rita Okamura

Coordenador Geral
Coordenador Operacional
e Pesquisa Iconográfica
Revisão
Projeto Gráfico
e Editoração

Coleção Aplauso Cinema Brasil

Rubens Ewald Filho
Marcelo Pestana
Andressa Veronesi
Carlos Cirne

O Caso dos Irmãos Naves
(Chifre em Cabeça de Cavallo)

Argumento e Roteiro
Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person



São Paulo, 2004

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado

Bernadet, Jean-Claude

O caso dos irmãos naves: chifre em cabeça de cavalo / por Jean-Claude Bernadet e Luis Sérgio Person. – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo : Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2004. – 216p.: il. - (Coleção aplauso. Série cinema Brasil / coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 85-7060-233-2 (obra completa) (Imprensa Oficial)

ISBN 85-7060-283-9 (Imprensa Oficial)

1. Cinema – Roteiros 2. Filmes brasileiros – História e Crítica 3. O caso dos irmãos naves (filmes cinematográfico) I. Person, Luis Sérgio. II. Ewald Filho, Rubens. III. Título. IV. Série

CDD 791.437 098 1

Índices para catálogo sistemático:

1. Filmes cinematográficos brasileiros :
Roteiros : Arte 791.437 098 1
2. Roteiros cinematográficos : Filmes
brasileiros : Arte 791.437 098 1

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional (Lei nº 1.825, de 20/12/1907).

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Rua da Mooca, 1921 - Mooca
03103-902 - São Paulo - SP - Brasil
Tel.: (0xx11) 6099-9800
Fax: (0xx11) 6099-9674
www.imprensaoficial.com.br
e-mail: livros@imprensaoficial.com.br
SAC 0800-123401

Caso Naves

No segundo semestre de 1965, Luis Sérgio Person apareceu inesperadamente no campus da Universidade de Brasília, onde eu lecionava. Já nos conhecíamos e tínhamos discutido bastante seu primeiro filme, *São Paulo Sociedade Anônima*. Ele vinha me convidar para escrever com ele o roteiro de *O Caso dos Irmãos Naves*. Ele tinha, dobrada em quatro e amarelecida, uma reportagem de 1949 provavelmente publicada pela revista *O Cruzeiro*: os irmãos tinham sido condenados por um crime que não só não cometeram, como um crime que não fora cometido. A condenação se baseou em fatos totalmente forjados pela polícia a partir de torturas. Era o “erro judicial” de Araguari. Person tinha sido profundamente marcado por esses fatos e continuava revoltado por essa condenação sem crime.

Hesitei em aceitar porque nunca tinha trabalhado em roteiro de ficção e me sentia inseguro (mas ele não), e principalmente porque não

podia deixar a UnB. Mas a situação da universidade estava instável, e de fato meses depois a quase totalidade do corpo docente se retiraria em protesto contra o regime militar.

Começamos a trabalhar sobre o filme em 1966. Tínhamos as atas do processo que foram publicadas pelo advogado Alamy, defensor dos Naves. E jornais da época. Comecei a pesquisa no acervo da Biblioteca Mário de Andrade, onde encontrei farto material na imprensa paulista e mineira.

6

Um belo dia, inesperadamente, Person irrompe na sala da biblioteca onde pesquisava. Sorridente, ele se senta e me diz: *“Vamos fazer um filme com Roberto Carlos.”* Meu espanto não podia ser maior, tanto mais que eu ignorava quem era Roberto Carlos. Ele me falou da *Jovem Guarda*, da importância de todo esse movimento da juventude da segunda metade dos anos 60. Além disso, um filme com a *Jovem Guarda*, pelo sucesso que provavelmente teria, facilitaria a produção posterior dos Naves.

Não tinha o que fazer: fechei os jornais, guardei minhas fichas. Durante alguns meses trabalhamos sobre *SSS contra Jovem Guarda*, até que um desentendimento entre Roberto Carlos e sua agência fez naufragar o projeto, e o roteiro foi arquivado. Voltamos aos Naves.

Já tínhamos muito material pesquisado. Fiz duas propostas narrativas para o filme. Uma obedecia à seqüência cronológica dos fatos. A outra, mais “moderna”, teria como tempo presente o processo e os fatos pregressos seriam relatados, sem ordem cronológica, à medida que fossem abordados pelos vários atores: acusados, advogado da defesa, juizes, advogado de acusação, testemunhas. Sem hesitação, Person rejeitou esta última proposta: uma tal estrutura nos cortaria do público, resultaria num filme para intelectuais, e ele não tinha nenhuma dúvida de que queria fazer cinema para o grande público.

Visto a grande quantidade de informações que tinha acumulado, eu encontrava dificuldade em

organizar todo esse material numa seqüência cronológica e demorava em apresentar a Person um argumento que se tornava urgente. Ao que se acrescentavam outras atividades necessárias à sobrevivência. Em função de que, ele me levou, bem como a minha mulher, para uma casinha afastada de São Paulo (M'Boi Mirim), onde nos trancou durante uma semana. Consegui produzir uma narrativa de umas quarenta páginas, ainda confusa, mas assim mesmo suficientemente coerente para servir de base à primeira versão do roteiro.

8

De volta a São Paulo, começamos a trabalhar no roteiro propriamente dito. Já nesta fase, tínhamos idéias mais claras sobre o filme. Já não se tratava apenas de relatar o “erro judicial” ocorrido no final dos anos 30 no interior de Minas Gerais. As relações com o nosso presente social e político eram evidentes: a polícia tinha inventado uma falsa realidade pela tortura, e a tortura vinha sendo praticado no Brasil pelo regime militar. O julgamento dos Naves se deu no início do Estado Novo, com um judiciário

submetido às novas autoridades, e no nosso presente a justiça tinha deixado de existir e se instalara um regime de violência e arbitrariedade. O filme seria absolutamente fiel aos fatos dos anos 30, mas se tornava uma metáfora política de nosso presente. Denunciaríamos a tortura e a arbitrariedade. Durante toda a elaboração do filme, nunca se perdeu de vista essa perspectiva, a tal ponto que passamos a qualificar os Naves de “*filme Castelo Branco*”, em oposição ao roteiro que escreveríamos em seguida, *A Hora dos Ruminantes*, que chamávamos de “*filme Costa e Silva*”.

9

Essa postura fez com que o aspecto reconstituição de época foi deixado para um plano secundário. Fomos à Araguari, onde se dariam as filmagens, visitamos algumas casas onde tinham morado pessoas envolvidas na situação, vimos o tribunal, encontramos pessoas que se lembravam dos fatos e nos davam a sua versão. Person aproveitou para fazer contatos com moradores de Araguari que pudessem interpretar alguns papéis secundários.

Mas essa viagem não foi feita em função de reconstituir a Araguari da época nem em busca de cor local, a finalidade era obter material preciso para um filme de época metáfora do presente. A tal ponto que, depois do lançamento, recebemos uma carta de um espectador atento que se queixava de que aparecia numa cena um carro posterior aos fatos relatados. Achamos graça. Nossa preocupação era apenas dar uma tintura anos 30, o essencial não estava aí.

10

Um pouco mais tarde, Person entregou uma primeira versão do roteiro ao advogado Alamy e o convidou a vir a São Paulo para discutir. O encontro não foi bom, Alamy estava decepcionado com o que tinha lido. Percebemos suas reticências, o deixamos falar, eu tomava notas e dizíamos que levaríamos suas observações em consideração para a versão final. Nossa relação foi cortês, mas não houve segundo encontro. O problema de Alamy era que o roteiro não lhe dava o papel que desejava: o de um herói. Afinal de contas, ele tinha defendido inocentes contra

uma polícia truculenta diante de juizes coniventes com o Estado Novo e amedrontados pelo poder policial. Mas nós não estávamos dispostos a lhe conceder essa honraria. Estava claro para Person e para mim que Alamy tinha sido corajoso (a cena 69 não deixa dúvida a este respeito), mas não acreditávamos numa luta que se atinha aos “procedimentos legais” numa situação política na qual não havia mais legalidade. Não faríamos do advogado o galã do filme.

Outro problema que nos colocávamos era a questão da tortura. Tínhamos certeza que ela devia ser mostrada claramente, não podíamos nos limitar a discretas alusões. Estávamos denunciando a tortura. Por outro lado, não queríamos fazer um filme sádico. Procuramos um equilíbrio para que as cenas de tortura não se transformassem em espetáculo, e que sempre fossem perceptíveis a responsabilidade da polícia e a significação política desses procedimentos. Incluímos várias cenas de tortura, mas eliminamos algumas, embora tivéssemos a documentação.

Em grande parte das torturas praticadas dentro do porão, os supliciados estavam nus, resolvemos que ficariam vestidos para não desviar a atenção dos espectadores do que realmente interessava. Isso não impediu que algumas pessoas nos acusassem de termos feito um filme sádico. O que não é verdade.

12

Não sabíamos como a censura reagiria ao filme, de modo que eu fichava rigorosamente todas as informações, com suas fontes, referentes a cenas e diálogos com os quais a censura pudesse implicar. Nenhuma concessão foi feita, tudo o que achávamos que devia ser mostrado e dito entrou no filme. Na época que vivíamos, isso representava um risco. Em momento algum, Person fraquejou ou hesitou: realizar os Naves foi realmente um ato de coragem.

O trabalho se organizou da forma seguinte: eu escrevia de manhã em casa, à tarde retrabalhávamos na casa de Person o que tinha sido escrito e preparávamos o que escreveria na manhã seguinte.

A lembrança que guardo da nossa colaboração é de harmonia e bom entendimento. Uma cena foi objeto de discussão: a chegada de Donana, mãe dos Naves, à casa do advogado. Ela já estava escrita quando Person resolveu introduzir uma menina, filha do advogado, que estaria brincando no jardim. Como eu me prendia aos fatos, este personagem me pareceu uma excrescência. Ele insistiu, cedi. Só mais tarde percebi como podia ser interessante criar um olhar exterior à situação, ele guia o olhar do espectador. Numa outra cena, eu tinha introduzido alguma indicação de decupagem ou de movimento de câmera, o que Person recusou categoricamente, *“Isso, você deixa para mim”*. O roteiro de *O Caso dos irmãos Naves* deixa para o diretor o trabalho de direção. O roteiro não deve ser a descrição verbal de um filme que posteriormente o diretor executaria. Do roteirista se espera a construção da narrativa, a divisão em cenas, a descrição das ações, e os diálogos, a partir de que o realizador elaborará a sua direção. Muito mais tarde, depois de conversas com Wilson Barros, foi essa a linha que adotamos no curso de roteiro da Escola de Comunicações e Artes da USP.

Folhando o roteiro, percebo que não deixa de conter muitas indicações de decupagem, a quase totalidade devem ser de autoria de Person. É que, por mais que se delimite as funções dos roteiristas, quando o diretor participa do roteiro, lhe é difícil ser exclusivamente roteirista, naturalmente ele antecipa sobre seu trabalho de direção.

14

O Caso dos irmãos Naves passou sem problema pela censura (o que não teria provavelmente ocorrido se tivesse sido produzido depois do AI 5), mas não foi muito bem recebido quando de seu lançamento em São Paulo e no Rio de Janeiro. Em compensação, as reações do público foram excelentes em várias cidades dos estados de São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso. Mario Civelli, o produtor, recebeu telegramas entusiastas de exibidores, que diziam que o filme refletia a vida do interior e que precisavam de mais filmes desse tipo. O que motivou Civelli a iniciar conosco um novo filme, que teria sido *A Hora dos Ruminantes*, baseado num romance de J.J. Veiga, se as circunstâncias não tivessem interrompido a produção.

Durante o governo Médici e o escândalo das torturas, a revista *Veja* destacou *O Caso dos Irmãos Naves* como uma das primeiras denúncias da tortura, mas neste momento o filme já tinha encerrado sua carreira comercial.

O roteiro a seguir foi transcrito de modo a reproduzir fielmente a grafia e semântica da época em que foi escrito.

Um erro judiciário leva dois inocentes a viverem
os horrores da tortura policial

O CASO DOS IRMÃOS NAVES

com Anselmo Duarte, Raul Cortez e Juca de Oliveira



O Caso dos Irmãos Naves
(Chifre em Cabeça de Cavallo)

Argumento e Roteiro
Jean-Claude Bernardet
Luis Sérgio Person

17

Da obra de João Alamy Filho
O Caso dos Irmãos Naves
Ed. Bernardo Alvares, 1961
Ed. Sugestões Literárias, 1965

São Paulo, 1966
Todos os direitos reservados.

A Justiça é sujeita à contenda, a força é facilmente identificável e sem contenda. Assim não se pode dar força à justiça, porque a força contradisse a justiça, e disse que ela era injusta, o que era ela, a força, que era o justo. E assim, não podendo fazer com que o justo fosse forte, fêz-se com que o forte fosse justo.

Pascal
(Pensamentos – séc. XVII)

19

Os tiranos e bárbaros antigos tinham, por vezes, mais compreensão real da justiça que os civilizados e democratas de hoje.

Rui Barbosa
(Oração aos Moços - 1920)

Narração 1 - página 1

Na madrugada desse dia, depois de ser obrigado a vender com grande prejuízo toda uma safra de arroz, adquirida com dinheiro emprestado de sua família, Benedito Pereira Caetano, sem avisar ninguém, deixa a cidade de Araguari com destino ignorado, levando consigo noventa contos de réis.

Narração 2 - página 2

20

Até a data de sua partida de Araguari, Benedito Pereira Caetano se encontrava hospedado em casa de Joaquim Naves Rosa, parente e amigo, que também era seu sócio num caminhão, com o qual transportavam cereais para vender na cidade...

Narração 3 - página 2

Preocupados com Benedito, que sabiam carregar consigo os noventa contos escondidos debaixo da roupa, Joaquim e seu irmão Sebastião, logo pela manhã, decidiram ir procurá-lo em casa de uma mulher onde ele costuma passar a noite de vez em quando.

Narração 4 - página 3

Os irmãos Naves indagam de Benedito em vários locais da cidade, sem nenhum resultado. Mais inquietos, decidem comunicar o fato à Polícia. O delegado civil do município, pede então aos Naves para irem até a fazenda do pai de Benedito e abre um inquérito afim de investigar o desaparecimento.

Narração 5 - página 8

O delegado civil do município não encontra elementos para esclarecer ou responsabilizar ninguém pelo desaparecimento de Benedito. Em princípios de dezembro assume a delegacia, com o cargo de delegado especial, um tenente da Força Pública do Estado

21

Narração 6 - página 30

Na ausência temporária de um juiz efetivo em sua cidade, o advogado Alamy obtém um habeas-corpus para os Irmãos Naves com o juiz de uma comarca vizinha. Eles devem ser soltos.

Narração 7 - página 31

O dinheiro não é encontrado. O pai de Benedito, depois da confissão de Joaquim, passa a acreditar que os Naves assassinaram mesmo seu filho. Nomeia então um advogado para representá-lo.

Narração 8 - página 45

Contrariando a ordem processual, os denunciados são interrogados depois das testemunhas. O advogado dos Naves não é informado desse interrogatório.

22

Narração 9 - página 46

Toma posse o novo juiz efetivo da Comarca. O advogado Alamy tenta obter o cumprimento de um segundo habeas-corpus em favor dos Irmãos Naves.

Narração 10 - página 56

Nada se acrescenta ao processo contra os Naves. Falham todas as tentativas. Nenhum sinal do dinheiro.

Narração 11 - página 57

A sentença de pronúncia é acolhida pela Câmara Criminal do Estado. Tem início o primeiro julgamento dos Irmãos Naves, pelo júri popular da cidade de Araguari.

Narração 12 - página 62

O Tribunal de Justiça do Estado acolhe a apelação da Promotoria e anula o primeiro julgamento. Pela segunda vez, os Naves são julgados e absolvidos pelo júri. Mas de novo, sem unanimidade de votos.

23

Narração 13 - página 63

O Ministério Público apela novamente da decisão do Júri.

Narração 14 - página 63

Os irmãos Naves são julgados pela terceira vez e condenados a 25 anos e seis meses de reclusão, pelos juízes do Tribunal de Justiça do Estado, os quais, em suas conclusões sobre o processo afirmam:

NARRADOR II - "A Pronúncia bem apreciou a prova com atenta análise. (...) Dificilmente se fará tão plena prova de autoria de latrocínio."

Narração 15 - página 63

Nova revisão do processo atenuou a pena e ao cumprirem oito anos de cárcere... Os irmãos Naves ganharam a liberdade condicional.

Narração 16 - página 64

Três anos depois, sofrendo de longa enfermidade, Joaquim morre num asilo de Araguari.

24

Narração 17 - página 64

Sebastião encontra Benedito Pereira Caetano, escondido na fazenda do pai, para onde ele voltou depois de quinze anos de ausência. Benedito é detido pela polícia, mas não pode ser acusado de nada. Nada tinha a ver com o caso.

Narração 18 - página 64

Sebastião morre em 1963. Poucos anos depois de conseguir com o advogado Alamy, através

de duras batalhas judiciais, uma indenização em dinheiro por aquilo que se resolveu chamar então: “O Tremendo erro judiciário de Araguari”.



ARRARIA INDÚSTRIA

ACIONAIS E ESTRANGEIROS
S E INTERNOS DE PREDIOS
S, CADELAS, JAZIGOS
LUTOS



28

Os episódios deste filme atêm-se ao processo judiciário e fatos que o cercam, conforme estão relatados e documentados pelo livro do advogado defensor dos Naves.

NARRADOR: De acordo com as normas judiciais, os irmãos devem aguardar no cárcere, o resultado da apelação da acusação.

O Caso dos Irmãos Naves

Pág. 1

Na madrugada desse dia, depois de ser obrigado a vender com grande prejuízo toda uma safra de arroz, adquirida com dinheiro emprestado de sua família, Benedito Pereira Caetano, sem avisar ninguém, deixa a cidade de Araguari com destino ignorado, levando consigo noventa contos de réis.

Pág.2

Até a data de sua partida de Araguari, Benedito Pereira Caetano estivera hospedado em casa de Joaquim Naves Rosa. Ambos possuíam em sociedade um caminhão com o qual transportavam cereais para vender na cidade...

29

Pág. 3

Os irmãos Naves procuram saber de Benedito em vários lugares, sem nenhum resultado. Mais preocupados decidem comunicar o fato à Polícia. O delegado Ismael Nascimento, civil, acumulando na cidade as funções de contador e delegado, pede aos Naves para irem até a fazenda do pai de Benedito e abre um inquérito para investigar o desaparecimento.

Pág. 8

Até fins de dezembro a Delegacia de Polícia de Araguari não encontrara elementos para resolver ou acusar ninguém do desaparecimento de Benedito. Cumprindo preceito constitucional do Estado Novo o Governo determina a substituição do delegado civil Ismael do Nascimento por um oficial militar. Assume o posto o tenente Francisco Vieira dos Santos

Pág. 45

Contrariando a ordem processual, os denunciados são interrogados depois das testemunhas. Essa irregularidade não é levada ao conhecimento do advogado dos Naves.

30

Pág. 63 - Modificar a narração

Na ausência de juiz efetivo em sua comarca, o advogado Alamy obteve um habeas corpus para os irmãos Naves na comarca de uma cidade vizinha. Os irmãos Naves devem ser soltos.

Personagens Principais

Tenente

Opinião pública (n. 83.12.13) - Primeiro encontro com os Naves (n.17) Interrogatórios Joaquim e reconstituição/ (n.46.47.48.49.50) = Na fazenda Inhôzinho (n. 51) - Novo interrogatório Joaquim (m. 57) - Tortura Ant. Rita e Salvina (n.58.59) - Sumário de culpa (n.61.61.63) - Pronúncia e chegada do Coronel (n.70.75.85) - Tortura de Sebastião pelo Coronel (n.90) - Primeiro Júri (n.94.95)

Alamy

Ana Rosa na casa de Alamy (n. 38.40.42.43.45) - Encontro c/ o juiz (n. 52.53) Revólver e Odete (n.60) - sumário (n. 61.63.65) - Primeira audiência do novo juiz (n.67.68.69) - Pronúncia (n.73.76.80.82.83.87) - Primeiro júri (n.94.95.96.98) - Encontro c/ novo juiz (n.100) - Segundo júri (n.101).

Joaquim

No tempo de Ismael (n.4.5.6.7) - Opinião pública (n.15.16) - Primeiro encontro c/ o Tenente (n. 17) - Prisão (n.18) - Tortura durante o interrogatório de Prontidão

(n.25.33) - Tortura, interrogatórios e reconstituições (46.47.48.49.50) – Novo interrogatório (n.57) - Sumário (n.66) - Primeiro júri (n.94.96.98) - Prisão (n.99) - Segundo júri (n.101).

Sebastião

No tempo de Ismael (n.4.5.6.7) - Opinião pública(n.15.16) - Primeiro encontro com o Tenente (.17) - Com Inhôzinho (n.19) - Torturas durante o interrogatório de Prontidão (n.27.29.31) - Fuzilamento (n.46) - Confissão (n.64) - Sumário (n.66) -com o Coronel e Zeca Pólvora (n.89.90.91.92) - Primeiro júri (n.94.96.98) - Segundo júri (n.101)

32

Ana Rosa

Opinião pública (n.15.16) Primeiro encontro com o Tenente (n.17) Tortura durante interrogatório de Prontidão (n.23.32) - Corrida e na casa de Alamy (n.36.41.43.45, e off: 37.38.40.42) - Chifre em cabeça de cavalo (n.54) - Sumário (n.66).

Antonia Rita

Opinião pública (n.15.16) - Primeiro encontro

com o Tenente (n.17) Tortura (n.58) - Sumário (n. 62.63).

Salvina

Opinião pública (n.15.16) - Primeiro encontro com o Tenente (Todos) - Tortura (n.59) - Sumário (n.63).

Promotor (Dr. Juvenil de Freitas ?)

Opinião pública (n.10.13) - Sumário (n.61.63.66) - Primeira audiência do novo juiz (n.68) - Pronúncia (n.72.78.81) - Primeiro júri (n.94.96.98) - Segundo júri (n.101).

Primeiro Juiz

Encontro com Alamy (n.53) - Encontro com o advogado do pai de Benedito (n.56) - Sumário (n.61.63.66) - Primeira audiência do novo juiz (n.68).

33

Novo Juiz

Primeira audiência e primeiro encontro com Alamy (n.68.69) - Pronúncia (n.71.74.77.79.82.84.86.88) - Primeiro júri (n.94.96.98) - Segundo júri (n.101).

Advogado do Pai de Benedito

Encontro com o primeiro juiz (n.55.56) - Sumário (n.61.63.66) - Primeira audiência do

novo juiz (n.68) - Pronúncia (.81, e off: 72.78) -
Primeiro júri (n.94.96.96) Segundo júri (n.101).

Coronel

Chegada durante a pronúncia (n.70.75.85) -
Tortura de Sebastião (n.89.90) - Ida (n.93).

Zeca Pólvora

(n.90.91.92)

Inhôzinho

Encontro com Sebastião (n.19) - Encontro com
o Tenente (n.51) - Sumário (n.61)

Prontidão

José Ferreira de Melo = rua Major Joaquim
Magalhães, 60, fone 2856

Primeiro interrogatório (n.20) - Segundo
interrogatório (n. 22.24.26.28.30.34).

Odete

Ana Rosa na casa de Alamy (n.41.43) - Revólver
(n.60).

Hilário

Fuzilamento de Sebastião e reconstituições
(n.46.48.49) - sumário (n.61).

Camarano

Reconstituições (n. 48.49) - Sumário (n.61)

Floriza

No tempo de Ismael (n.5.7).

Ismael

O inquérito civil (n.7).

Waldomiro (escrivão de Ismael)

No tempo de Ismael (n.7)

Pai de Benedito

No tempo de Ismael (n.7)

Um Padre

Opinião pública (n.15)

Oficial de Justiça

Sumário (n.61.63.66) - Audiência do novo juiz (n.68) - Primeiro júri (n.94.96.98) - Segundo júri (n.101).

35

Escrivão do Tribunal

Sumário (n.61.63.66) - Audiência do novo juiz (n.68) - Primeiro júri (n.94.96.98) - Segundo júri (n.101).

Um Amigo de Alamy

Primeiro júri (n.95.97)

Outro Amigo

Sumário (n.95.97).

Paulete (escrivão do Tenente)

Primeiro encontro dos Naves com o Tenente

(n.17) - Primeiro e segundo interrogatórios de Prontidão (n.20.22.24.26.28.30.34) - Interrogatórios de Joaquim (n.47.50.57) - Chegada do Coronel durante a pronúncia (n.70.75.85).

Turquinho

Primeira tortura dos Naves durante interrogatório de Prontidão (n.35) - Reconstituições (n.48.49) - Na fazenda de Inhôzinho (n.51) - Tortura A. Rita (n.58) - Tortura de Salvina (n.59) - sumário (n.61.63) - Torturando Sebastião com o coronel(n.89.90).

36

O Caixa

Opinião pública (n.9)

O Cliente do Banco

Opinião pública (n.9)

Dono do Armazém

Opinião pública (n.11)

A Freguesa do Armazém

Opinião pública (n.11)

Chofer I

Opinião pública (n.12)

Chofer II

Opinião pública (n.12)

4 homens na farmácia,

um deles mais jovem (o homem do balcão)

Opinião pública (n.10.13).

Soldados

Poderão eventualmente ser limitados a

Turquinho, Pretão e Jonas. Há soldados nas

cenas n.

XX.27.29.35.46.48.49.51.54.58.59.89.90.94.96.67

Jurados

Jurados, dos quais 7 (6 homens e uma mulher)

formam o conselho de sentença. Cenas n.

96.98. - Jurados também presentes no

segundo júri, n.101

37

Grupo de Amigos de Alamy

Algumas pessoas na porta do tribunal durante

o primeiro júri. Dois deles falam.

Assistência das Sessões de Júri

Povo que assiste ao primeiro júri:

n.94.96.97.98 = e eventualmente ao segundo

júri, n.101.

Xxxxx na Rua

Opinião pública: grupo de homens

conversando numa esquina (n.8b) - grupo de

homens conversando na farmácia (n.10.13) -

grupo de gente entra na igreja e reza na igreja, principalmente velhas senhoras (n.14.15). Gente que olha passar o corpo de Zeca Pólvora , n.92).

Corpo Jurídico

Além de personagens do filme, algumas pessoas presenciam a primeira audiência do novo juiz, X68

Personagens Mudos

Benedito - N.2

Otacílio - Reconstituições (n.48.49)

38

Jonas – Pretão - N. 48.49.59.89.90

Carcereiro - N. 99

Uma Menina - Que pula corda no jardim de Alamy, n. 37.39.44

Uma Criança de Colo - Filha de Antônia Rita, n. 58

Um Menino - Filho de Salvina, n. 59

Um Preso - Que dá informações mimadas a Alamy, n. 67

Uma Mão - Que carimba, n. 82

Títulos

- 1 *MC. Apresenta*

- 2 Anselmo Duarte Juca de Oliveira
John Herbert Raul Cortez
em

- 3 ***O Caso dos Irmãos Naves***

- 5 *com*
Lélia Abramo Sérgio Hingst
Cacilda Lanuza
apresentando
Julia Miranda Hiltrud Holl

- 6 *e os seguintes atores não profissionais da cidade de Araguari*
João Quinca - Sebastião Campos - Milton de Lima Filho - José Ferreira de Mello - Marinho Bittencourt - Francisco Beregeno Juvenil de Freitas - Edson Moraes - Remi França - Mirtes Delminda - Honor Machado - Oscar Conceição - Antonio Romualdo da Silva

7 Clovis de Oliveira - Abel Neto - José Veloso
- Romeu Duarte - Afif Rade - Michel Kalaf - Elsa
Machado - Virgílio Augusto Nenê Santiago -
Agenor Costa - Galba Sá Augustito Santos - Anto-
nio Queiroz - Lavinia God - José Amauri - Márcia
França - Mira Canut - Luiz Ribeiro - Fausto Kalaf
- Alcides Figueiredo - Mario Nunes - Bernardino
Sena - Abdalla Mameri - João Batista - Hilda
Borges - Teófilo Coelho - Hélio Arajno - Avelino
Santos - Ailton Pinto

8 *Argumento e Roteiro*

Jean-Claude Bernardet

Luiz Sérgio Person

Extraído da obra

O Caso dos Irmãos Naves,

de João Alamy Filho

9 *Fotografia e Câmera*

Oswaldo de Oliveira

10 *Produtores*

Glauco Mirko Laurelli

Luis Sérgio Person

Assessores de produção em Araguari

Antonio Baena

Wolney Botelho

- 11 Neiton Neves
Gerente de produção
Sérgio Ricci
Assistente de direção
José Sebastião de Souza
Chefe de equipe assistente de câmera
Pio Zamuner
Maquinista
Miro Reis
Eletricistas
Delcides Lopes
Antonio Oliveira
Guarda-roupa
Maria Inêz Silva
Continuidade
Hiltrud Holl
Art-direction
Sebastian Souza
Títulos
Carlos Prospero Neto
- 12 *Laboratório*
Rex Filme - película Gevapan 36
Som
Odil Fono-Brasil

- Técnicos de som*
Júlio Perez
José Moura
- 13 *Edição e Montagem*
Glauco Mirko Laurelli
- 14 *Direção*
Luis Sérgio Person
- 15 **FIM (em negrito)**
Lauper Films (emblema)
Brasil – 1967

Além dos títulos, entrarão datas a serem sobre-impresas em imagens do filme que deverão acompanhar os mesmos tipos dos títulos de apresentação.

O Caso dos Irmãos Naves

1 - Título de Apresentação - Trucagem

Sôbre fundo móvel de fragmentos do trecho final do preâmbulo da Constituição de 1937 (da qual deve constar a data), escritos com letras em baixo relêvo, solenes, entram os títulos de apresentação do filme.

Música concreta em ritmo compassado.

Fade out.

Fade in.

43

2- Estação de Araguari, MG – EXT. NOITE

Velha locomotiva apitando.

Apito de trem.

Trem se pondo em movimento.

Ruído de trem partindo.

A CAM. EM PAN. acompanha um dos vagões de passageiros, vazio ou quase, destacando num dos últimos assentos, um homem sòzinho, semi-voltado contra a direção da CAM., saindo de quadro com o passar do trem.

O trem afastando-se da estação e se perdendo nas trevas.

Ruído de trem se distanciando e desaparecendo completamente.

Sôbre essa imagem entra o letreiro: **29 de Novembro, 1937**

Entra também a voz do narrador, grave, mas sem ênfase ou participação, do mesmo modo como se conduzirá nas narrações seguintes:

44

NARRADOR: Na madrugada dêsse dia, depois de ser obrigado a vender com grande prejuízo uma inteira safra de arroz que negociou com dinheiro emprestado de sua família, Benedito Pereira Caetano, sem avisar ninguém, deixa a cidade de Araguari com destino ignorado, levando consigo noventa contos de réis.

3 – Araguari – Locais Diversos

Planos rápidos da cidade ao amanhecer:
Sons matutinos, inclusive o cantar do galo e sinos a distância.

Ruas longas, largas, a Av. Minas Gerais, a Av. Tiradentes; casas de alpendre e jardins separados da rua por grades de ferro trabalhadas.

A Vila Márques onde residiam os Naves, o casario pobre da cidade, o Parque Municipal.

O centro comercial, o armazém dos Lemos, a agência Ford, farmácias, um ou outro veículo passando, raras pessoas se movimentando.

Finalmente a rua onde se vê num dos extremos o prédio alto do Forum com a Cadeia Pública em baixo, no meio da quadra a casa onde era a Prefeitura Municipal e na esquina a antiga Delegacia de Polícia.

Tôda esta sequência deve dar uma impressão documentária de normalidade, de cotidiano, de vida urbana-provincial que desperta tranquila.

45

4 – VILA MÁRQUES – EXT. DIA

Joaquim Naves sai de sua casa rua acima, em direção à casa de seu irmão Sebastião José Naves.

Um plano rápido sem mais detalhes.
Ruídos de rua e vozes indistintas.
Frente à casa de Sebastião os dois conversam um instante e novamente saem, a pé ou de caminhão, o Ford amarelo que pertence a Joaquim e Benedito Pereira Caetano.
Sôbre essa imagem entra a voz do narrador:

NARRADOR: Benedito Pereira Caetano há dois meses se encontrava em Araguari hospedado em casa de Joaquim Naves Rosa, que também era seu sócio no (num) caminhão com o qual transportavam cereais para vender na cidade...

46

5 – CASA DE FLORIZA. AV. MINAS GERAIS – EXT. DIA

Floriza aparece na porta e conversa com os Irmãos Naves, informando que viu o Benedito dansando no cabaré do Parque de Diversão, até muito tarde, duas horas, duas e meia, quando ela foi embora. O Benedito ficou lá. Não sabe



47



dêle. Sôbre essa conversa mimada, continua o narrador:

NARRADOR: ...Preocupados com Benedito que sabiam carregar os noventa contos escondidos debaixo da roupa, Joaquim e seu irmão Sebastião vão procurá-lo na casa de uma mulher onde êle costuma passar a noite de vez em quando.

Por fim, os irmãos se despedem e vão embora.

48

A cena mostra claramente que Floriza presta informações normais do que sabe, sem dar margem a qualquer suposição.

6 – FRENTE DA DELEGACIA – EXT. DIA

Joaquim e Sebastião saem da Delegacia. A CAM. permanece enquadrando a porta da mesma pelo tempo que dura a narração, mostrando talvez um detalhe da placa que qualifica a delegacia:

NARRADOR: Os irmãos Naves procuraram saber de Benedito em vários lugares, sem nenhum resultado. Mais inquietos, decidem comunicar o fato à Polícia. O Delegado Civil do município pede aos Naves de irem até a fazenda do pai de Benedito e abre um inquérito para investigar o desaparecimento.

7 – DELEGACIA. SALA DO DELEGADO – INT. DIA

Já em meio do interrogatório, o delegado Ismael Nascimento pergunta a Floriza:

49

DELEGADO: De que jeito você conheceu o Benedito?

Com ar de mundana que se sente importante, Floriza responde:

FLORIZA: Ora, seu delegado, de todo jeito...

O escrivão Waldomiro, junto da máquina de escrever, reprime um sorriso. O delegado continua num tom um pouco mais agressivo, para manter a dignidade do ambiente:

DELEGADO – Não é isso que tou pergun-

tando. Como é que êle apareceu na sua casa?

Floriza responde com displicência:

FLORIZA – Uai, como todo mundo, seu delegado. Êle sempre ia lá. Dormia comigo. Tava querendo amigação.

DELEGADO – Como assim?

FLORIZA – Queria montá casa pra mim. Queria me levá cum êle pra Nova Ponte... Porque aqui, o senhor sabe, não?... Ia dá na vista... O pessoal começa a falá...

O delegado corta irritado:

50

DELEGADO – Bom, chega! Isso não interessa... Você... você não quis?

FLORIZA – De jeito nenhum, seu delegado. Pra passá fome? Eu, hein? Num dava certo, não. Benedito é pão duro que dói. Da última vez me deixou só vinte mil réis...

DELEGADO – Quando foi isso?

FLORIZA – Uma noite dessa, não sei que dia.

DELEGADO – Não foi ontem mesmo?

FLORIZA – Não senhor. Ontem êle tava lá

no cabaré do Parque. Dansou comigo umas vez. Depois dansou cum outras. Eu saí com o Zé do Santinho. Êle ficou lá.

DELEGADO – Que hora era?

FLORIZA – Umas duas, duas e meia.

DELEGADO – Depois você num viu mais êle?

FLORIZA – Não senhor, fui prá casa c’o Zé.

O escrivão batendo a máquina.

CORTA PARA:

51

Diante do delegado estão agora João Pereira da Silva, pai de Benedito, e os Naves. O pai fala:

PAI – Num posso explicá, seu delegado. Eu tinha acabado de comê a minha janta quando os Naves chegaram de caminhão dizendo que o Benedito sumiu.

DELEGADO – Quanto tempo que não via seu filho?

PAI – Pra mais de dois mês. Me escreveu. Disse que voltava logo que vendesse o

arroz.

DELEGADO – Mais ou menos quando?

PAI – Faz um tempinho já. Êle me falou que tava duro de apurá o dinheiro dessa vez. Parece que o comércio tá ruim, não é, Joaquim?

Joaquim responde com uma afirmação de cabeça. O delegado corta como se quizesse evitar a intromissão de Joaquim:

DELEGADO – O senhor tava a par dos negócios do seu filho?

PAI – Tava, uai. A gente emprestou dinheiro pra êle.

DELEGADO – Quem emprestou?

PAI – Eu... umas economias da mãe e o cunhado dêle. Nós juntamo 116 conto pro Benedito comprá o arroz.

DELEGADO – E o caminhão?

PAI – Não, o Ford êle comprou de prestação mais o Joaquim. O caminhão é dos dois.

DELEGADO – O senhor pode desconfiá de alguém, de algum motivo pro Benedito sumir?

PAI – Pra ser sincero não, seu delegado. Meu filho é homem de bem. Rapaz trabalhador. Tôda gente estima êle. Também nunca criou caso com ninguém.

DELEGADO – Num é de beber, nunca se meteu com alguma mulher?

PAI – Benedito num tem vício, não senhor. Num é de gastá noite fazendo besteira. Num é disso, não...

O delegado olha para os Naves indicando aludir às relações de Benedito com Floriza. Joaquim vira os olhos como se não desejasse manifestar-se sobre isso. O escrivão olha para o pai de Benedito. O delegado lhe ordena:

DELEGADO – Tá bem, escreva aí...

Máquina de escrever funcionando.

A reação do delegado ao final é importante para configurar uma atitude policial “normal” diante dos fatos. Mostra que, sem qualquer indício de impotência ou incapacidade, o delegado, com os elementos que colheu até alí, não consegue, não pode suspeitar de ninguém e intui talvez, a possibilidade de Benedito ter ido embora

mesmo, aproveitando-se do dinheiro que recebeu.

8 – RUAS DE ARAGUARI – EXT. DIA

Em TRAV A CAM percorre alguns trechos de ruas e praças da cidade onde há gente e movimento, sem preocupação de caracterizar a época, evitando apenas referências evidentemente modernas (automóveis de hoje, anúncios, etc.)

Na trilha sonora confundem-se ruídos e vozes dos locais mostrados, destacando-se vez ou outra uma fala mais nítida sôbre qualquer assunto corriqueiro.

54

a) Uma praça . Dois homens conversam sentados num banco de jardim, de modo preguiçoso:

HOMEM I – É preciso pulso firme, meu amigo. Sem autoridade, num existe respeito...

HOMEM II – Tem razão. O tempo passa e num resolve nada. Cum moleza, num vai não.

b) Uma esquina. Um grupo conversando na por-

ta de um café. Alguns de chapéu. Um homem loquaz, com gestos amplos, pontifica:

HOMEM I – E depois tem mais. Num sou eu que digo, não. Os fato tão aí. Num tô querendo insinuá, mas que num cheira bem, num cheira. Pra tudo tem que tê remédio... Se deixá as coisa corre dêsse jeito, aonde é que a gente vai pará?... Eu por mim...

O grupo se vira para o lado da CAM que em TRAV panoramiza sôbre êles como se fôsse subjetiva de alguém que passa. O homem pára de falar instantâneamente. Vira-se para a CAM e, seguido de mais uns dois pelo menos, faz um acêno com o chapéu. A CAM se afasta. Corta para close de um dêles que, ainda um instante, segue com o olhar a pessoa que se afastou. Depois, volta-se para o grupo e diz:

HOMEM II – É só falá no diabo, que êle aparece...

9 – BANCO – INT. DIA

Guichet de um banco. Detalhe de dinheiro. O

caixa termina de contar uma bolada e a entrega ao cliente que está diante dêle, dizendo em tom de brincadeira:

CAIXA – Olha que cum muito menos, o tal de Benedito deu chá de sumiço, hein, coronel!

O cliente, aspecto de fazendeiro rústico, dá uma risada gozadora e conferindo o dinheiro responde:

CLIENTE – Pois é... Mas deixa aparecê gatuno dessa laia pras minha banda que come fogo. Cumigo não se brinca!

56

10 – FARMÁCIA – INT. NOITE

Farmácia típica do interior. Num banco ou cadeiras, estão sentados alguns respeitáveis senhores. Atrás do balcão está o farmacêutico Moisés, promotor auxiliar da Comarca, entretido com algum afazer. De pé, próximo a êle, do lado de fora do balcão, um homem mais jovem.

Um dos homens sentados diz:

HOMEM SENTADO I – O Ismael é frouxo demais.

HOMEM SENTADO II – Homem direito tá ali, mas tem o coração no lugar da cabeça. Cum êle num ia mesmo.

O homem que está encostado no balcão fala com empáfia:

HOMEM DO BALCÃO – Se dependesse de mim, o assunto já tava esclarecido. A gente tem que ser duro mesmo. Nada de lero-lero.

O farmacêutico-promotor intervém:

PROMOTOR – Pra mim também, gosto de ver tudo prêto no branco.

57

11 – ARMAZEM – INT. DIA

O dono do armazem (talvez um sírio ou um português) vai desenrolando uma grande peça de fazenda, enquanto diz para a freguêsa que está na sua frente:

DONO DO ARMAZEM – É isso mesmo, minha senhora! Chega de chove num molha. Aonde é que se viu alguém dá sumiço com noventa contos no bolso e ninguém se mexer?

12 – POSTO DE GASOLINA – EXT. DIA

Um chofêr conversa com outro que está martelando na roda do caminhão para tirar as correntes anti-derrapagem.

CHOFER I – Ontem foi a vez do Benedito, amanhã pode ser qualquer um de nós. Dinheiro no bolso, faz cócega em todo mundo.

O outro continua martelando. Ruído de marteladas.

CHOFER II – Essa história tá mal contada. O Ford era dos dois. Trabalhavam junto. O Benedito morava na casa do Quinca... Como é que pode?

O chofêr que está em pé dá uma cotucada no outro que se vira. O chofêr aponta. Os dois olham na direção da rua.

Do ponto de vista dêles, vemos passar um homem fardado.

13 – FARMÁCIA – INT. NOITE

Continuação da cena já vista no n. 10. Um dos homens que estão sentados fala:

HOMEM SENTADO III – Num me faça dizer o que num disse. Mas, naquêle domingo, os três, o tal de Quinca, o irmão dêle e o Benedito, num tavam lá na inauguração da ponte?

HOMEM DO BALCÃO – Pois tava, uai. Eu até falei cum êles.

O homem fardado que vimos na cena anterior entra na farmácia, sem ser mostrado pela CAM. Todos se calam. O farmacêutico vai atendê-lo. A CAM permanece com o grupo sentado enquanto o farmacêutico serve o estranho rapidamente. O indivíduo se despede:

INDIVÍDUO (OFF) – Boa noite...

Todos se aprestam a responder:

TODOS – Boa Noite!

Vemos o homem fardado virando as costas e indo embora.

14 – PRAÇA DA MATRIZ. EXT. FIM DE TARDE

Pessoas, notadamente velhas senhoras, entrando na igreja para a reza da Ave-Maria.

Sinos tocando.

15 – IGREJA – INT. NOITE

O padre puxando a reza:

PADRE – Ave Maria cheia de graça, o Senhor é convosco, Bendita sois vós entre as mulheres, Bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus!

Grupo rezando ajoelhado nos bancos da igreja:

GRUPO – Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pobres pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amem.

O padre recomeça sem ser visto:

60

PADRE (OFF) – Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é...

Atrás de várias senhoras, está a família Naves rezando: Joaquim, sua mulher Antônia Rita, Sebastião, Salvina e a mãe dêles, Ana Rosa Naves.

TODOS – Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós...

Uma senhora se vira para os Naves, olhando-os com certa curiosidade ou inquietude.

TODOS – ... pobres pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amem.

A CAM percorre em TRAV os Naves rezando.

16 – RUA DA DELEGACIA. EXT. DIA

Os Naves, as mulheres e a mãe, descem a rua em direção à Delegacia.

Sôbre essa imagem entra o letreiro : 29 de Dezembro, 1937 e a narração informa:

NARRADOR – O Delegado Ismael do Nascimento (ou: o Delegado Civil), não encontra elementos para resolver ou acusar ninguém do desaparecimento de Benedito. O Govêrno determina a sua substituição. Em fins de dezembro, assume o pôsto o Tenente Francisco Vieira dos Santos.

61

A cena termina com a entrada da família Naves na Delegacia, quando então se encerra a narração.

17 – DELEGACIA. SALA DO DELEG. – INT. DIA

A porta da sala é aberta pelo nôvo escrivão, Paulete. Entra a família Naves com atitude reverenciosa e inquieta de quem precisa contar algu-

ma coisa. O tenente não é visto nem diz nada para êles. Todos se acomodam na sala permanecendo de pé. O escrivão faz um gesto para Ana Rosa, que se senta numa cadeira. Há um silêncio. Demonstrando já conhecer o tenente e vendo que êle não se manifesta, Sebastião decide falar:

SEBASTIÃO – Nós traz uma notícia, seu delegado.

Nenhuma resposta do tenente que continua fora de cena, Joaquim arrisca também:

JOAQUIM – É, seu tenente, a mãe pode contá...Tem uma pista boa pra se achá o Benedito...

62

O tenente que está de pé, do outro lado da sala, entretido com a limpeza de suas unhas, levanta um pouco o olhar para o Joaquim. Ana Rosa procura resolver o impasse:

ANA ROSA – O senhor me dá licença pra falá, seu delegado. Zé Prontidão encontrô um Benedito Goiano lá em Uberlândia





que é tal e qual o nosso... O Zé faz uns dias apareceu lá em casa com a Bastiana... Eu tava falando pra ela do Benedito e o Zé interrompeu.

TENENTE – Quem é essa Bastiana?

ANA ROSA – É cria lá de casa... eu criei ela. Agora tá morando em Uberlândia, trabalha na pensão “Belo Horizonte”... Veio me visitá aproveitando a companhia do Prontidão... aí quando eu tava falando cum ela do caso, o Zé aparteô contando que viu um Benedito em Uberlândia igualzinho aquêle que nós tava falando...

65

Joaquim interrompe, ansioso para completar o que narra Ana Rosa; todos falam ao mesmo tempo:

JOAQUIM – É, seu delegado... O Prontidão disse que ia trazê êle assim que aparecesse... Só pode sê o Benedito pelo jeito que êle falô pra mãe...

SEBASTIÃO – O Prontidão disse que êle trabalhou três dia pro patrão dêle, o Zé Augusto, e depois pegô uma beirada de

caminhão pra ir embora pra Uberaba ou São Paulo...

ANA ROSA – É, no último dia que viu êle, o Prontidão disse que êle tava cum uma mala dêsse tamanho. (mostra).

JOAQUIM – Falô que êle tava no Pôsto Texaco a noitinha com jeito de ir embora...

ANA ROSA – É o Prontidão disse que êle no fim arranjà uma beira c’o Zé Amâncio e foi pra Santa Rita do Paranaíba...

66 Fora de campo, o tenente faz um gesto para pôr ordem na falação. Todos se calam. Aparece o tenente que pergunta:

TENENTE – E como era o tal Benedito que apareceu em Uberlândia?

ANA ROSA – Pelo modo que o Prontidão falô pra gente, só podia sê êle.

Novamente todos começam a falar ao mesmo tempo:

JOAQUIM – É, sim. Tava de botina de atanado...Vestia calça de brim.

SEBASTIÃO – Tinha bigode raspado. Os cabelo meio crespo como o Benedito. Era sem tirá nem pô...

JOAQUIM – Tava do jeito que êle saiu depois do jantá... quando saiu de casa à noitinha...depois que nós viemo da festa da ponte.

O tenente interrompe com certo desinterêsse:

TENENTE – E a mala que o Prontidão disse êle levava?

Joaquim faz uma pausa, sem saber direito o que responder:

JOAQUIM – Bem... a mala... daqui êle num levô não, seu tenente. As roupa dêle tão lá em casa ainda.

Ana Rosa tenta esclarecer e diz olhando mais para os filhos que para o tenente:

ANA ROSA – Mais vai vê que êle arranjou lá mesmo, não?

O tenente faz um gesto com a mão e diz:

TENENTE – Por ora chega. Vou saber isso direitinho. Já mandei vir o tal do Prontidão pra cá. Podem sair.

Ana Rosa se levanta. Todos se encaminham para a porta, que é aberta pelo nôvo escrivão. O tenente, enquanto êles saem, faz um sinal para o escrivão que se aproxima dêle:

TENENTE – É... tem dente de coelho nessa história. Vou ter que dá um apêrto. Segura aquêle, o... (procura lembrar)... o Joaquim, aquêle que é sócio do Benedito no caminhão.

O escrivão acede:

ESCRIVÃO – Senhor sim. É pra já.

18 – DELEGACIA. UM CORREDOR. –INT. DIA

Instantâneamente, dois soldados segurando Joaquim o levam em direção ao porão da Delegacia. Cena rápida sem detalhes.

68

19 – FAZENDA DE INHÔZINHO – EXT. DIA

Galinhas e marrecos correm frente à casa de Inhôzinho, com a chegada de um caminhão Ford amarelo.

O caminhão pára. Sebastião desce e se encaminha para a direção de um cercado próximo onde o dono da fazenda, seu cunhado Inhôzinho, está lidando com porcos ou qualquer outra espécie de animais. A CAM em PAN acompanha o trajeto

de Sebastião até Inhôzinho e fica a distância dos dois enquanto êles trocam cumprimentos e as primeiras falas que não são ouvidas pelo espectador. Sebastião informa de fatos que já conhecemos: Joaquim ficou detido na delegacia, o delegado prendeu-o como suspeito no desaparecimento de Benedito. Inhôzinho larga por um instante um balde ou uma lata que tem na mão, com atitude de quem se surpreende e lamenta o fato.

INHÔZINHO – Mais aborrecimento pro Quinca. Só faltava essa. Num entendo, sumí assim sem mais nem meno, eu num entendo. Parece coisa do arco da velha. Onde já se viu?... Inda mais com aquêle dinheirão todo...

SEBASTIÃO – Mas tem que aparecê, Inhôzinho. O Benedito vai voltá. Nossa Senhora num vai deixá a gente nêsse embrulho.

INHÔZINHO – Tem que aparecê mesmo, uai. Sumí assim num pode...

O tom de vida cotidiana de Inhôzinho contrasta com a tensão de Sebastião.

Inhôzinho retoma o seu trabalho enquanto continua a falar.

INHÔZINHO – O que num tá direito é o tal delegado fazê isso cum vocês...

Sebastião segue de perto Inhôzinho enquanto êle vai cuidando dos animais.

SEBASTIÃO – Na cidade tá todo mundo contra nós. Olham pra gente como se fôsse assassino.

INHÔZINHO – Na minha vida vivida nunca ví isso. E olha que já ví muita coisa...

SEBASTIÃO – Nós num sabe o que o delegado pode fazê mais co'a gente.

INHÔZINHO – É muito atrevimento êle prendê o Quinca, mas vai tê que soltá. Diabo...Vocês num têm que pagá pelos outro. Isso num é direito, ora.

SEBASTIÃO – A mãe tá aflita. As mulhé cum mêdo. Todos desconfia da gente.

INHÔZINHO – Coitada da Donana, depois de velha passá êsses desgôsto...Tão ficando doido... Mas Deus é grande. As coisa num fica assim, não. O Dito vai voltá pra dá conta do dinheiro.

Ao fazer êsse comentário, Inhôzinho se afasta um pouco de Sebastião que tira umas notas de dinheiro do bolso e confere enquanto diz ao cunhado:

SEBASTIÃO – Vim buscá mais umas galinhas e ôvo pra negociá na cidade, cunhado. E queria aproveitá pra deixá um dinheirinho aqui cum voismecê.

Inhôzinho interrompe o que está fazendo e olha para Sebastião com certa inquietude. Sebastião tenta ganhar a sua confiança:

SEBASTIÃO – Guardá lá em casa a gente num sabe o que pode sucedê. Aqui é mais seguro.

INHÔZINHO – Mas pra que tanta aflição, cunhado? Vocês são gente de bem, num fizeram nada. O que é que pode acontecê, meu Deus? É melhó ficá c’o dinheiro na sua casa, é mais à mão.

SEBASTIÃO – Precisa prevení, Inhôzinho. Se o delegado me prendê, a Salvina tá c’o dinheiro aqui, voismecê ajuda ela.

INHÔZINHO – Até aí o delegado num vai não, diabo. Você tá vendo as coisa preta demais.

SEBASTIÃO – Voismecê fica cum êle pra adiantamento das compra que eu faço.

Sebastião tenta entregar o dinheiro ao cunhado.

SEBASTIÃO – São três conto e quinhento. Voismecê tira daí as galinha e ôvo que eu vou levá.

O dinheiro na mão estendida de Sebastião. O velho pressionado, se abre:

INHÔZINHO – Isso num posso, Bastião. Sou teu amigo, mais tem que compreendê. Tô velho demais pra me metê em complicação.

72 Sebastião guarda o dinheiro deixando só uma nota de fora, ao dizer:

SEBASTIÃO – Voismecê falô, Inhôzinho. Então fica só cum quinhento que é pra pagá o que tô levando.

INHÔZINHO – Num tenho trôco pra tanto. Você paga da outra vez.

Sebastião tem um gesto irritado e põe o dinheiro no bolso da camisa do Inhôzinho, dizendo:

SEBASTIÃO – Voismecê dá o trôco quando aparecê na cidade.

INHÔZINHO – Como quisé, Bastião.

A CAM enquadra os dois homens à distância como no início do encontro.

20 – DELEGACIA. SALA DO DELEGADO – INT. DIA

Junto à mesa do delegado, o novo escrivão preenche à mão o cabeçalho de uma folha de papel almaço, com o texto habitual que precede a inquirição de uma testemunha. Nota-se que, ao contrário do antigo escrivão Waldomiro que fazia seu serviço à máquina, Paulete é entradiço na profissão e como demonstrará pelo seu zêlo no decorrer de todos os inquéritos, apesar da falta de prática, fará o máximo para merecer o cargo que lhe foi propiciado pelo tenente.

73

Frente a êle está Prontidão, um homem simples, aparentando uns trinta e cinco anos, vestido com paletó de brim ou blusão de chofér. O tenente está presente na sala, mas não é visto no início, da mesma forma anterior. Ora o tenente, ora o escrivão fazem as perguntas. O escrivão anota:

ESCRIVÃO – Nome?

PRONTIDÃO – José Joaquim Teodoro de Lima.

Ouve-se a voz do tenente que fala num tom de quem exige precisão e detalhes:

TENENTE (OFF) – Mas como é que te chamam por aí?

Prontidão vira-se para o lado onde está o tenente, fora de campo. Procura ser simpático:

PRONTIDÃO – Me chamam Zé... Zé Prontidão...por causa dos meus préstimo

ESCRIVÃO – Idade? Profissão?

PRONTIDÃO – 35 ano... sou chofér de caminhão, mas trabalho de ajudante.

ESCRIVÃO – Estado civil?... (pausa)... Casado ou solteiro?

PRONTIDÃO – Casado... sou casado.

ESCRIVÃO – Onde mora?

PRONTIDÃO – Lá em Uberlândia onde o seu tenente me mandou buscá.

TENENTE (OFF) – Que enderêço? Num tem casa não?

PRONTIDÃO – Rua Alexandre Marquês, 1.170.

Aparece o tenente virando-se para Prontidão:

TENENTE – Diga o que sabe.

PRONTIDÃO – É o que já disse pra Dona-

na, seu tenente... Eu vim aqui no mês passado atrás de um cachorro e fui visitá a Donana... Então disse pra ela... Eu ando atrás de um cachorro...

O tenente interrompe sentindo já certo fastio e irritação:

TENENTE – Que cachorro?!

PRONTIDÃO – Um cachorro sumido...

TENENTE – Ahn, o cachorro veio de Uberlândia até aqui?!

PRONTIDÃO – Me falaram que êle tava aqui...

TENENTE – E veio sozinho de trem?

PRONTIDÃO – Não senhor... Veio roubado num caminhão... Eu vim procurá êle pro seu João Daher... cachorro de estimação... Num encontrei... fiquei aburrinhado... Aí Donana me disse que também tava preocupada, mas num era cum cachorro era cum desaparecimento de gente... me contou do sumiço do Benedito... Foi então que me alembrei que um dia, no fim do mês passado, eu tava cum seu Zé Augusto na porta dos Armazém

Gerais quando apareceu um camarada pedindo serviço... Seu Zé Augusto deu serviço pra êle e...

TENENTE – Quem é êsse Zé Augusto?

PRONTIDÃO – Meu patrão.

TENENTE – Prossiga.

PRONTIDÃO – Seu Zé Augusto deu serviço pra êle e o camarada trabalhou três dia... Mais tarde eu fui inté o pôsto Texaco quando o indivíduo apareceu cum uma mala assim (mostra o tamanho) dizendo que ia pegá uma beirada de caminhão... Êle se chamava Benedito Pereira... tô bem lembrado.

TENENTE – E depois?

PRONTIDÃO – Depois do que, seu delegado?

O tenente demonstra não só dúvida como desinteresse.

TENENTE – Você nunca mais viu o tal camarada?

PRONTIDÃO – Num senhor, num vi mais. Depois quando cheguei aqui pra procurá o cachorro do seu João... eu fui visitá

Donana... disse para ela que vim procurá
o cachorro do seu João... cachorro de esti-
mação...

O tenente interrompe bruscamente.

TENENTE – Tá bem, tá bem. Chega! Espe-
ra lá fora.

Prontidão se levanta. O tenente faz um sinal para
Paulete, como se indicasse para também prende-
rem o Prontidão.

21 – RUAS – EXT. NOITE

É Ano Nôvo. Meia noite.

Sob intenso barulho geral, vemos um pedaço de
cano que alguém bate num poste de ferro.

Diversas latas de querosene sendo batidas de
igual modo.

Sinos da igreja repicando.

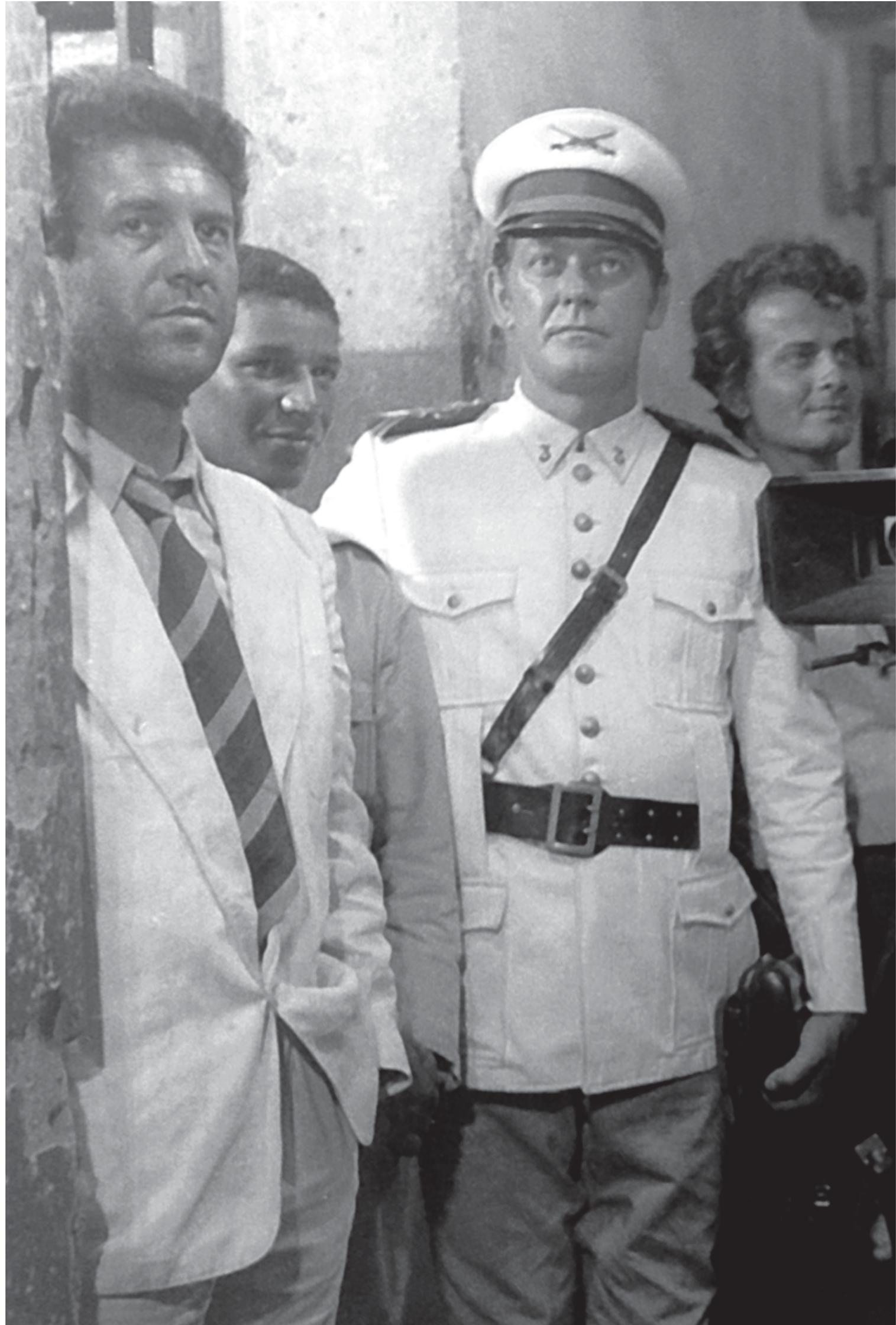
Rojões subindo para o ar.

Ruídos de fim de ano no interior. Rojões e sinos.

Barulhos de ferro batido.

22 – DELEGACIA. SALA DO DELEG. – INT. DIA

A porta da sala se abre com violência.





Aparece Prontidão com a mesma roupa de antes. Mas combalido, barbado, sujo, amarrotado, a camisa sem botões, o jeito de quem andou sofrendo.

Diante de Prontidão, de pé, em atitude de espera, está o tenente. Muito limpo, barba escanhoada, meio formal, sem a indiferença ou o fastio das vêzes anteriores em que foi visto na Delegacia.

Paulete está sentado com papel e caneta à mão, próximo ao tenente.

80

O tenente e Prontidão frente a frente, em pé, a uma certa distância um do outro. O tenente pergunta com leve mordacidade:

TENENTE – Como é? Ano Nôvo, idéias novas?

Prontidão levanta a cabeça atemorizado:

TENENTE – Responde homem!... Ou qué descê outra vêz?

Prontidão diante da ameaça recobra ânimo:

PRONTIDÃO – Eu falo... eu falo.

TENENTE – Senta.

Prontidão senta, o tenente continua:

TENENTE – Muito bem... A história da Ana

Rosa foi inventada ou num foi?

Prontidão hesita, titubeia, mas sente que deve falar para não voltar ao porão de onde saiu:

PRONTIDÃO – Hum... Do... Donana?

TENENTE – É, Donana... Foi inventada ou num foi?

Prontidão procura acertar:

PRONTIDÃO – É... Foi.

23 – DELEGACIA. PORÃO I – INT. NOITE

Ana Rosa gritando e batendo com os punhos cerrados na porta do porão que está trancada. Não se ouve nenhum som nesta cena que é rapidíssima.

81

24 – DELEGACIA. SALA DO DELEG. – INT. DIA

Prontidão respondendo:

PRONTIDÃO – Foi, sim senhor. Eu inventei.

O tenente se aproxima de Prontidão e lhe pergunta em modo incisivo:

TENENTE – Você então já conhecia o

Joaquim antes de vir pra cá, num conhe-
cia?

Antes mesmo que se dê o tempo de Prontidão
responder, corta-se para:

25 – DELEGACIA. PORÃO II – INT. NOITE

Outro compartimento do porão.

Joaquim indo de encontro à parêde do porão,
como se tivesse sido arremessado por violenta
porretada. Contorce-se de dôr. Nenhum som.

82

26 – DELEGACIA. SALA DO DELEG. – INT. DIA

O tenente inclinado, com o rosto próximo a
Prontidão, pergunta sêco e breve:

TENENTE – E o Bastião?

Corte rápido:

27 – DELEGACIA. PORÃO II – INT. NOITE

Mesmo compartimento de Joaquim.

Sebastião está amarrado e sentado no chão de
cimento. Mãos entram em campo empunhando

um copo com um estranho líquido escuro e espesso. Querem forçá-lo a beber. Sebastião com um gesto brusco derruba o copo com o ombro.

28 – DELEGACIA. SALA DO DELEG. – INT. DIA

O tenente está na mesma posição anterior, junto a Prontidão:

TENENTE – Vai me dizer que você num conhecia o Bastião também?... Não?

Prontidão olha para êle e responde constrangido:

PRONTIDÃO – Conhecia, sim senhor.

83

29 – DELEGACIA. PORÃO II – INT. NOITE

Mãos fechadas esmurrando Sebastião no rosto.

30 – DELEGACIA. SALA DO DELEG. – INT. DIA

O tenente afasta-se de Prontidão endireitando o corpo. Depois de curta pausa, como se procurasse concatenar melhor suas idéias, faz nova pergunta:

TENENTE – Mas quem foi que pediu pra você contar a mentira do Benedito de Uberlândia.

Corte rápido para:

31 – DELEGACIA. PORÃO II – INT. NOITE

Sebastião com as mãos amarradas rolando pelo cimento. A CAM na mão acompanha a trajetória.

32 – DELEGACIA. PORÃO I – INT. NOITE

84

Plano de Ana Rosa gritando e batendo na porta desesperadamente.

33 – DELEGACIA. PORÃO II – INT. NOITE

Joaquim extenuado, escorregando lentamente pela parede até se desmilinguir no chão.

34 – DELEGACIA. SALA DO DELEG. – INT. DIA

Prontidão já tem a testa coberta de suor:

TENENTE – O Joaquim prometeu dinheiro pra você dizer que viu o tal de Bene-

dito?... Prometeu?

Prontidão responde com dificuldade:

PRONTIDÃO – Prometeu...

TENENTE – Alguém ouviu essa conversa de você com o Joaquim?

Prontidão procura acomodar o mais que pode sua resposta à vontade do tenente.

PRONTIDÃO – Ahn... não...

O tenente impaciente diz rápido, incitando Prontidão a responder da mesma forma:

TENENTE – Depois o Joaquim pediu que você viesse aqui dizer que tinha visto o Benedito lá em Uberlândia, não foi?

85

Prontidão confunde-se com a rapidez:

PRONTIDÃO – Hein?

TENENTE – Foi ou não foi?

PRONTIDÃO – Foi, sim senhor.

TENENTE – Escreva, Paulete: testemunha jurada na forma da lei e inquirida pela segunda vez respondeu:

Sôbre um plano de Prontidão embasbacado, ouvem-se gritos fortíssimos por um instante.

Corta para:

35 – DELEGACIA. PORÃO – INT. NOITE

Turquinho abre rápido a porta do porão e olhando firme para dentro, ordena:

TURQUINHO – Soldado!

Os gritos cessam instantaneamente. A CAM fica sobre ele que completa:

TURQUINHO – O tenente mandou: solta a velha!

36 – RUAS. – EXT. DIA

86

Ana Rosa correndo desabaladamente pelas ruas. Nesta cena poderão ser eventualmente intercalados planos de Joaquim, Sebastião e Ana Rosa sendo torturados da mesma forma de antes, isto é, só eles e braços ou objetos de tortura em campo, sem serem vistos os algozes. Os planos serão curtíssimos.

37 – AV. TIRADENTES – CASA DE ALAMY – EXT. DIA

Uma menina brinca de pular corda no jardim da casa.

Ana Rosa correndo entra portão adentro sem parar, atravessa o jardim e penetra na casa.

A menina pára de brincar e observa com ar de surpresa.

A porta, por onde entrou Ana Rosa, aberta. A menina ouve as súplicas e lamúrias que vêm do interior da casa.

ANA ROSA (OFF) – ... Pelo amor de Deus, dona Odete... Pelo amor de Deus!... Me deixe ficar aqui! Não posso mais!. Num tenho mais fôrça... Num posso... Me esconde...

38 – CASA DE ALAMY. ESCRITÓRIO. INT. DIA

87

Alamy escreve em sua mesa de trabalho quando sua atenção é atraída pelos sons que vêm da outra sala. Depois de um instante pára de escrever e quase sem tirar os olhos do papel, escuta os rogos e o choro de Ana Rosa que está com sua espôsa. A expressão de Alamy é de quem já conhece Ana Rosa e o assunto que a trouxe até sua casa. Os lamentos, a princípio mais baixos, tornam-se pouco a pouco mais inteligíveis:

ANA ROSA (OFF) – ...Faz dia que num como... Faz dia... Fiquei no porão fechada... no frio...

Bastião gritava... o Quinca gritava... Era grito a noite tôda... sem pará... num se podia fechá os olhos... num...

Alamy ouve como se quisesse resistir, como se desejasse não ouvir nada, como se tudo o que ouve fôsse apenas uma exasperante e momentânea alucinação.



ANA ROSA (OFF) – Eu ouvia os grito do Quinca... do Bastião... tavam apanhando, apanhando, apanhando... Eu implorava... Gritava... Pedia à Virgem... Meu Nosso Senhor Jesus Cristo... Pela luz que me alumia... Juro... nós num merece êsse castigo, nós num fizemo nada... Por Deus!... Tenho vergonha de contá o que nós passamo... O Quinca e o Bastião num diziam nada... São inocente... Êles num podiam dizê nada... Aí batiam nêles... Pancada atrás de pancada... Sem podê falá nada... sem podê mentí... Pancada... Sôco... pontapé... tudo.

89

39 – CASA DE ALAMY. JARDIM – EXT. DIA

A menina que parou de brincar, olha para o interior da casa e ouve com ar inocente, sem entender o que está acontecendo.

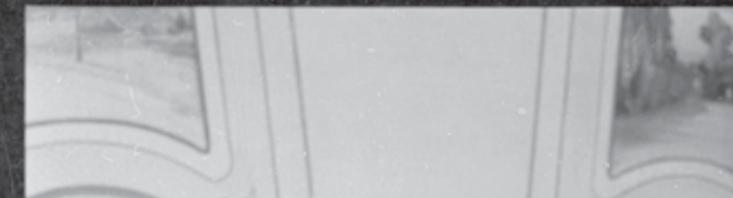
40 – CASA DE ALAMY. ESCRITÓRIO – INT. DIA

Alamy cerra os punhos querendo se conter, enquanto ouve a voz de Ana Rosa.

ANA ROSA (OFF) – Num é pra crê o que nós passamo, dona Odete... Tenho até vergonha de contá... Num guento... Num guento mais!... Tiraram minha roupa... Me amarraram... Queriam vê meus filhos batê em mim... Queriam vê êles batê na mãe, minha Nossa Senhora! Por quê? Por quê tanta desgraça? Eu gritava pra êles num dizê mentira... Pudia espancá... Pudia batê... mas num dizê as coisa que êles tavam inventando pra nós dizê... Quando o Bastião... o Quinca num quise-ram fazê o que êles tavam mandando... Êles avançaram pra cima de mim... Me deram paulada até eu num podê...

41 – CASA DE ALAMY. SALA – INT. DIA

Ana Rosa convulsa, sem resistir, joga-se nos braços de Odete, chorando. Odete a custo retém as lágrimas. Não sabe o que dizer. Procura acalmar Ana Rosa que entre soluços continua:



ANA ROSA – Num sei como me soltaram...
Me mandaram embora dizendo pra eu
num contá nada, pra eu num abrí a
bôca... O Quinca e o Bastião ficaram lá...
tão apanhando... Me soltaram... Foi cari-
dade de alguém... Só porque tô velha me
soltaram... Só por isso... Mas o Quinca e
o Bastião tão lá... Vão sofrê mais...

42 – CASA DE ALAMY. ESCRITÓRIO – INT. DIA

92

Alamy com as mãos cerradas, apoiando-se na
quina da mēsa, a cabeça inclinada para a frente,
tentando resistir à comoção. A voz de Ana Rosa.

ANA ROSA (OFF) – Meus filho num fize-
ram nada... Num merece êsse castigo! Por
tudo que é sagrado, SÃO INOCENTE...
Num merece êsse castigo... Vão morrê...
Pela minha vida... num fizeram nada... e
vão morrê de pancada...

Há uma pausa na lamentação de Ana Rosa.

43 – CASA DE ALAMY. SALA – INT. DIA

Odete tenta controlar-se. Ana Rosa procura

dominar o soluço, o tremor. Com os olhos fixos, vidrados, diz:

ANA ROSA – Tenho medo...Tenho medo...
Êles vão morrê... Tenho medo...

Em seguida, tomando consciência da proteção que se lhe oferece a presença de Odete, diz suplicante:

ANA ROSA – Num me faz ir embora daqui, dona Odete... Por caridade... Num me manda embora... Por misericórdia... num me deixa...

Alamy já está diante da porta, parado. A custo escondendo a dor que vai dentro dêle. Diz, procurando serenidade:

ALAMY – A senhora pode ficar aqui em casa, Donana. Ninguém mais vai maltratar a senhora. Eu garanto.

Ana Rosa em lágrimas, tenta se lançar aos pés de Alamy que prontamente impede o gesto. Odete sustém Ana Rosa e segurando-a no ombro, diz:

ODETE – Venha, Donana. Vamos lá dentro. A senhora precisa comer... descansar... Venha.

Ana Rosa enxuga as lágrimas com um pedaço das vestes esfarrapadas e as duas se encaminham para a cozinha.

Alamy acompanha um instante com o olhar as duas mulheres que se afastam. Sua expressão é de quem não pode mais recusar auxílio. Ele não pode fugir, ignorar a violência. Como advogado e cristão, sente que não deve ficar alheio aos fatos, alguma coisa é preciso fazer.

44 – CASA DE ALAMY. JARDIM – EXT. DIA

94

A menina pulando corda novamente.



45 – CASA DE ALAMY. ESCRITÓRIO – INT. DIA

Alamy, sentado junto à sua mesa de trabalho, tem um livro aberto à sua frente, além de outros papéis e livros de consulta.

Diante dêle, ou ao lado da mesa, está sentada Ana Rosa. Refeita, com outro vestido talvez.

Alamy fala num tom pausado, manso e sem emoção:

ALAMY – A senhora por ser mãe não pode me convencer da inocência dos seus filhos. Não sei, não conheço os fatos. Tudo o que se diz por aí é contra êles. Se recusei antes é por causa disso. A senhora sabe. É uma questão de princípios, não defendo criminosos...

ANA ROSA – Êles são inocente, doutor. Num fizeram nada.

ALAMY – Não me cabe discutir agora a inocência. Donana.

ANA ROSA – Êles vão morrer de pancada, doutor.

ALAMY – Nada justifica. O que está acontecendo... é ilegal, monstruoso...

ANA ROSA – Meus filho num vão aguentá, doutor.

Sem se deixar interromper, Alamy continua:

ALAMY – Vou fazer o que a lei prescreve, Donana. Inocentes ou não, êles não podem ficar na cadeia dêsse jeito.

Depois de uma breve pausa. Apontando para uma linha do livro aberto, diz com dignidade e firmeza:

ALAMY – A Constituição manda: “Darse-á habeas-corpus sempre que alguém sofrer ou se achar na iminência de sofrer violência ou coação ilegal...”

96

Corta para:

46 – DESCAMPADO – EXT. DIA

Um descampado com algumas árvores.

Plano próximo de Sebastião pendurado pelos pés a um galho de árvore: seu corpo empurrado por violento pontapé, vem em direção à CAM até a cabeça ocupar todo o quadro. Várias vezes o corpo faz êsse movimento de vaivém, levado pelos pontapés. Gritos e gemidos de Sebastião.



A uma certa distância, o tenente assiste à cena. Na estrada, donde não se vê a tortura, está Hilário, chofér de um carro alugado pela polícia, fumando tranquilamente. Hilário levanta o capô do automóvel e se detém olhando na direção de onde vêm os gritos dos Naves.

Numa árvore próxima à de Sebastião, está Joaquim amarrado em posição normal. Um soldado lhe dá um sôco. O tenente repete para êle uma pergunta que já deve ter sido feita antes:

98

TENENTE – Então? Como é? Você não viu mais o Benedito depois?

JOAQUIM – Não, num vi.

O soldado dá outro sôco em Joaquim.

TENENTE – Então?

JOAQUIM – Não, num vi.

O próprio tenente avança para êle e lhe dá uma bofetada, dizendo em seguida:

TENENTE – Tá certo. Num quer ir por bem, vamos matá teu irmão. Quero ver se você num confessa. (para o soldado) Soldado, solta o Sebastião. Leva êle lá pra baixo.



JOAQUIM – Num faça isso, seu tenente. Meu irmão num matou. O senhor num pode matá êle. Chega de sofrê.

TENENTE – Então, fala. Se você num confessá, vai morrê também.

Os soldados desamarram Sebastião que está completamente sonso e machucado.

Longe de Joaquim, os soldados o amarram numa cêrca.

O tenente se afasta um pouco de Joaquim e fica observando suas reações.

Joaquim implora:

100

JOAQUIM – Num pode fazê isso cum êle. Meu irmão num fêz nada. Pára, seu tenente, pára.

O tenente observa-o com malícia. Em seguida, grita para os soldados que estão com Sebastião:

TENENTE – Vamo, mete fôgo pelas costa. Mata êsse bandido aí.

Um soldado fica atrás de Sebastião, embala a espingarda e, sem que êle perceba, põe o cano da arma quase no seu ouvido.

Joaquim faz um esfôrço, querendo desamarrar-se e geme.





102





103



O tenente, tranquilamente, ordena outra vez:

TENENTE – Vai, mete fogo.

Disparo de arma.

Grito de Sebastião.

Hilário, fumando, sentado no estribo do carro, tem atitude de surpresa. É um plano mais rápido que o primeiro.

Um soldado enfia rápido um lenço na boca de Sebastião, amordaçando-o. O grito vai sendo abafado, simulando um ralo de agonia.

Calmo, o tenente aproxima-se de Joaquim e ameaça:

104

TENENTE – Agora é a tua vez. Quer falar ou num quer falar?

Silêncio de Joaquim.

Os soldados vêm se aproximando. O tenente lhes diz:

TENENTE – Vamos ter que matá esse aqui também. Num quer falar. E vai morrer pelas costas. Como o irmão.

Um soldado chega com a espingarda, perto da árvore, por detrás de Joaquim.

Plano da espingarda.

Close-up do tenente, que ainda observa mais uma vez a reação de Joaquim.

Plano de Joaquim petrificado.

Close do tenente.

TENENTE – Fôgo!

Plano da espingarda disparando. – Ruído de tiro.
– Grito.

Hilário vai andando perto do carro, afastando-se da CAM. Ouviu o tiro: pára, vira a cara em direção à CAM e continua a andar, como se já estivesse habituando-se aos tiros e gritos. Esse plano é ainda mais curto que o anterior.

Plano de Joaquim gritando:

JOAQUIM – Pára...pára...Num me mate.
Pára. Falo. Falo o que o senhor quisé.
Pára.

Joaquim repete mecânicamente as mesmas palavras.

Plano de sangue escorrendo na perna de Joaquim, abaixo da calça um pouco arregaçada.

Corta para:

47 – DELEGACIA. SALA DO DELEG. - INT. DIA

Só Joaquim, sentado, diante da CAM que responde:

JOAQUIM – Sim senhor, foi assim.

O tenente aparece com os autos na mão, consultando-os. Uma pausa durante a qual êle procura matéria para as perguntas que está fazendo a Joaquim. Abaixando os papéis, diz:

TENENTE – Foi aí então que vocês convidaram êle para ir a Uberlândia? (pausa)
O Benedito aceitou o convite?

106

JOAQUIM – Aceitou.

TENENTE – O que é que vocês disseram para êle aceitar o convite?

O tenente procura consigo mesmo uma motivação para o que está forçando Joaquim a responder.

Joaquim olha perplexo para o tenente, esperando que êle lhe dê a solução.

O tenente, sem idéia, fala:

TENENTE – Um passeio?

Pausa. Êle mesmo responde:

TENENTE – É. Um passeio. Escreva, Paulete: (dita) o depoente declarou o seguinte:

que no dia vinte e nove de novembro do ano passado às duas horas da madrugada mais ou menos, estava em companhia de seu irmão Sebastião José Naves em sua casa, esperando a chegada de Benedito Pereira Caetano a fim de convidá-lo para um passeio a Uberlândia;

Enquanto o tenente fala, a CAM baixa do tenente para Joaquim, que está em close.

Corta para:

48 – PERTO DA PONTE DO PAU FURADO – EXT. DIA

107

Plano da corredeira no rio das Velhas, sôbre a fala off (que continua ininterrupta da cena anterior) do tenente que dita calmamente:

TENENTE – (OFF) – que poucos momentos depois, chegava Benedito Pereira Caetano, na casa do declarante, sendo então convidado pelo declarante e o seu irmão Sebastião, para o dito passeio a Uberlândia;...

Corta para:

Um plano do tenente seguido por outras pessoas. A CAM se afasta e descobre um grupo, próximo à ponte do Pau Furado. Ao fundo, dois carros de aluguel.

O grupo, que vem descendo um paredão, é constituído pelo tenente que caminha mais à frente, seguido de Joaquim, os soldados Jonas, Pretão e Turquinho, e as testemunhas Hilário, chofér de um dos carros, Camarano e Otacílio. O tenente chega a um determinado ponto mais próximo ao rio e pára. O grupo pára junto dêle. A cena, salvo o plano inicial, é vista de longe. Sôbre essa movimentação, continua o ditado do tenente:

108

TENENTE (OFF) – ... Que, Benedito Pereira aceitou o convite para o passeio referido, entrando no mesmo momento todos os três para dentro do caminhão, pondo-o em marcha, tomando a direção da ponte do Pau Furado, isto às três horas da madrugada;...

O grupo prepara-se para armar a reconstituição

do crime. Os soldados aguardam ordens do tenente. As três testemunhas, Hilário, Camarano e Otacílio, se colocam de um lado, o tenente do outro e Joaquim e dois soldados no meio.

Continua o tenente:

TENENTE (OFF) – ... que, depois de atravessarem a referida ponte, isto pelas quatro horas da madrugada, mais ou menos, apearam do dito caminhão, o declarante, seu irmão Sebastião e Benedito, com o fim de tomarem água; que desceram o paredão até a margem do rio, estando o seu irmão na frente, Benedito no centro e o declarante atrás, o qual levava oculta uma corda de bacalhau de um metro e tanto; que chegados na beira do rio, Sebastião agarrou Benedito pelas costas e o declarante fêz um nó na dita corda, introduzindo-a pela cabeça de Benedito até o pesçoso, apertando-a logo em seguida, e Sebastião em um movimento brusco largou os braços de Benedito auxiliando o declarante a apertar a corda; que, Benedito nêsse momento desfale-

ceu, caindo de joelhos, até ficar sem vida,
e que foi verificado pelo declarante e seu
irmão Sebastião;...

Enquanto se desenvolve essa narração, dois
soldados, atendendo às ordens do tenente, colo-
cam-se um atrás do outro. Turquinho empurra
Joaquim e coloca-o diante de um dos soldados.



Êles mimam o “crime” de acôrdo com o que vem descrito na narração anterior.

O soldado Pretão agarra pelas costas Jonas que está na sua frente, e diante do qual está Joaquim. Joaquim, seguindo as instruções de Turquinho e do tenente, finge colocar uma corda laçada no pescoço do soldado Jonas que está agarrado, e em seguida puxa a corda fictícia para frente enquanto Pretão larga bruscamente os braços da “vítima” e ajuda Joaquim a apertar o laço fictício. O soldado “vítima” vai caindo, curva os joelhos e se estende no chão. Quando cai o soldado : planos das testemunhas, de Joaquim, do tenente.

Na faixa sonora, além da narração, em fundo, ruídos de água.

O soldado que ficou em pé abaixa-se, e procura o dinheiro na “vítima”, enfiando a mão por dentro da calça do mesmo. Plano das testemunhas. Enquanto isso, prossegue o ditado do tenente:

TENENTE (OFF) – ... que êste logo em seguida procedeu a uma busca em Benedito, sacando da cintura dêste um pano

que o mesmo trazia amarrado à cintura, por dentro da cueca e onde o declarante e o seu irmão sabiam que existia a importância mais ou menos de noventa contos de réis em dinheiro, cuja importância o seu irmão Sebastião depositou em uma latinha de soda adrede preparada pelo declarante para êsse mesmo fim que transportou-a de sua casa...

Plano do Rio das Velhas.

TENENTE – ... que em seguida seu irmão Sebastião pegou o cadáver de Benedito pela cabeça e o declarante pelos pés, atirando-o na cachoeira do Rio das Velhas, do lado de baixo da ponte;...

112

O grupo todo se afasta do local da reconstituição do crime, sóbe o paredão e se aproxima dos carros.

TENENTE – ... tendo deixado na beira do dito rio a corda com que se utilizaram para a execução do crime e o pano onde continha o dinheiro que a vítima conduzia;...



Plano dos carros saindo e se afastando.

TENENTE – ... que, em seguida tomaram o caminhão de volta para esta cidade; que, em certa altura, nas proximidades da fazenda de Olímpio de Tal, o declarante que guiava o caminhão, fêz uma parada por ordem do seu irmão Sebastião;...

49 – FAZENDA DE OLÍMPIO – EXT. FIM DE TARDE

O mesmo grupo que fêz a reconstituição enca-minha-se agora para a busca do dinheiro. Estando ao fundo os carros, o grupo avança pelo descampado, em atitude de reconhecimento do terreno, como se estivesse fazendo uma batida. Por ordem do tenente, o grupo todo pára próximo a duas árvores; nêsse momento termina o ditado do tenente:

114

TENENTE – ... que conduzia o dinheiro, deixando em seguida o caminhão na estrada entrando para o mato, beirando uma cêrca de arame, numa distância de uns quinhentos metros ou talvez um quilômetro, pararam ambos em uma moita de capim gordura onde Sebastião começou a cavar um buraco com as unhas, sempre de posse da lata onde se continha o dinheiro e, auxiliado pelo declarante que ainda ajudou a acabar de furar o dito buraco, onde enterraram a lata que continha o dinheiro. Diz o declarante que fizeram de balisa duas árvores das proximidades a

fim de que em ocasião oportuna fôssem retirar o fruto do saque.

Plano das testemunhas que olham para Joaquim. O tenente olha para Joaquim.

Joaquim entendendo a ordem dada pela expressão do tenente, começa a vasculhar atrás de uma moita de capim.

Joaquim revira sôfregamente a moita, crescendo a expectativa do grupo que se fecha em tórno dêle. Joaquim levanta-se ofegante e suado, mostrando nada ter encontrado. Faz um sinal como se se lembrasse de que é noutra moita.

Encaminha-se para ela seguido pelo grupo.

Joaquim se atira sôbre a moita, fingindo procurar o dinheiro.

Turquinho, que ficou afastado, chama o grupo indicando que fêz uma descoberta. Joaquim abandona a moita que estava remexendo e se aproxima ràpidamente do local apontado. Pára; de cócoras, começa a cavar com as mãos.

Joaquim, rastejando como um animal pelo campo, à procura de buracos. Pára algumas vêzes, fuça, continua rastejando. A CAM na mão segue o movimento.

Outro soldado indica um outro buraco.

Joaquim desorientado.

Planos das testemunhas e do tenente. O tenente está irritado e decepcionado, como se acreditasse que realmente o dinheiro existia.

Vai escurecendo. Joaquim continua rastejando como um autômato. Já não se detém mais em nenhum buraco, apenas está engatinhando, extenuado, enlameado.

O tenente e os demais permanecem a uma certa distância d'ele. As pessoas quase não se veem mais. O tenente faz um sinal a Turquinho para recolher Joaquim.

116

O tenente volta-se para as testemunhas e depois, contendo sua perturbação, torna a olhar em direção de Joaquim.

Joaquim de quatro, parado, ofegante.

Plano do tenente aborrecido, como se tivesse dispendido energias em vão.

O tenente visto em silhueta, imóvel, na escuridão quase total, junto das testemunhas, também silhuetas estáticas, sugerindo situação de impasse.



**50 – DELEGACIA. SALA DO DELEGADO. INT.
NOITE**

Punho cerrado do tenente batendo com violência na mesa.

Plano de Joaquim esmorecido, diante do tenente.

O tenente fala aos berros:

TENENTE – Outro vexame dêsse, num tolero não, Joaquim. Num saio daqui sem você me dizê onde tá o dinheiro, – Fala, desgraçado. Onde é que você meteu o dinheiro?

118

Joaquim não tem mais fôrça para responder.

O tenente agarra Joaquim pela roupa e o levanta da cadeira.

TENENTE – Sebastião andou mexendo no buraco? Andou?

JOAQUIM – Andou, sim senhor.

TENENTE – E onde é que êle escondeu? Fala?

Joaquim responde desviando a cara do Tenente:

JOAQUIM – Acho que ficou c’o cunhado dêle, Inhôzinho. Teve lá, na fazenda dêle.

O tenente empurra Joaquim na cadeira violentamente. Corta no meio do gesto para:

51 – FAZENDA DE INHÔZINHO – EXT. DIA

A CAM enquadra, do alto para baixo, uma parte do terreiro em frente à casa de Inhôzinho, já vista na cena n. 19. Algumas galinhas estão ciscando. Ouve-se a voz de Turquinho:

TURQUINHO (OFF) – Desembucha ou apanha, velho desgraçado.

Quase simultâneamente, Inhôzinho entra em campo, caindo no chão, arremessado pelo soldado.

119

As galinhas esvoaçam. Levantando-se, Inhôzinho fala atemorizado:

INHÔZINHO – Já disse o que sei, seu delegado. Já disse! Bastião só deixô quinhento mil réis. Foi só. Êle queria me deixá mais... Num aceitei. Posso caí morto aqui se eu tô mentindo... Bastião tinha três conto e quinhento cum êle. Me deixô quinhento pra pagá uns franguinho que me levô.

TENENTE – Engraçadinho que o senhor é. O tenente vira-se para os soldados fazendo humor e querendo aprovação:

TENENTE – Viram? A vida tá cara, hein? (imitando Inhôzinho) Quinhento mil réis pra pagá uns franguinho que me levô...

Os soldados riem compulsóriamente. O tenente continua sério:

TENENTE – Vai contá essa história pra outro, seu Inhôzinho. Num vim aqui pra perdê tempo. Fala a verdade, vamos!

Turquinho prestativo:

120

TURQUINHO – Seu tenente num gosta de brincadeira, velho. Desembucha.

INHÔZINHO – Mas é o que tô dizendo, seu delegado. Juro. Êle tinha que me pagá só 39 mil réis. Eu num tinha trôco... Eu disse pra êle pagá depois. Êle quis deixá... Depois eu devolvi o resto pra mulhé dêle. Quando fui pra Araguari... Dei tudo pra ela... 461 mil réis. Num fiquei cum dinheiro nenhum... Eu num tava querendo ficá nem c'os quinhento... Num gosto de complicação pro meu lado, seu tenente. Num sei de nada.

O tenente observando a fraqueza e o temor de Inhôzinho, fala manso, com certa ironia, com bruscas mutações de voz:

TENENTE – Tá certo, seu Inhôzinho. Tá certo. Mas e o dinheiro grosso... aquê outro que o Bastião deixô pra guardar também? Quêê?

Inhôzinho tem um ar meio aparvalhado:

INHÔZINHO – Qual dinheiro, seu delegado?

TENENTE – Vamo, vamo. Onde é que tá os 90 conto?

INHÔZINHO – Mas seu delegado, como é que o senhor pode crê numa coisa dessa? Bastião num deixou dinheiro nenhum comigo... Êle só deixô 500 réis que foi pra pagá os frango... Eu num tinha trôco... eu...

O tenente corta meio enfadado, mas aparentemente calmo:

TENENTE – Ora, ora. Num vai recomeçar com essa baboseira tôda.

Novamente Turquinho apresta-se em querer auxiliar o Tenente, imitando o seu tom:

TURQUINHO – Então você num sabe que viemo buscá o dinheiro que o Bastião deixô aqui? Num sabe, não, engraçadinho?

Inhôzinho faz quase uma súplica:

INHÔZINHO – Seu delegado, sou home direito.

TENENTE – Pois é. Por isso mesmo é melhor dizê logo. O Joaquim já confessou que o dinheiro tá aqui. Vamo, onde é que você escondeu o dinheiro?

Bastante amedrontado, mas firme, Inhôzinho recomeça a história:

122

INHÔZINHO – Num escondi dinheiro não, seu delegado. Bastião só me deixô 500 mil réis... Foi só! Êle queria me deixá mais... Num aceitei... Posso cáí morto aqui se eu tô mentindo. Me deixô 500 pra pagá uns franguinho...

O tenente pula sôbre Inhôzinho e lhe dá dois tapas simultâneos nos ouvidos, com as mãos espalmadas, gritando com fúria repentina:

TENENTE – Cala essa bôca, filha da mãe!

Ao receber os tapas, Inhôzinho geme e cai

prostrado novamente, levando as mãos aos ouvidos. O tenente recompõe-se:

TENENTE – Conta a verdade ou vai levá mais.

Inhôzinho, sem tirar as mãos dos ouvidos, vira o rosto um pouco para o lado, como se quisesse proteger-se. Fala em modo quase inaudível:

INHÔZINHO – Num me maltrata, seu delegado. Sou home de bem. Só tô falando a verdade. Juro.

TENENTE – Então diga: como é que o Joaquim diz que você recebeu 90 conto do Sebastião?

123

INHÔZINHO – Mentira dêle. O Bastião num podia trazê tanto dinheiro assim. Bastião num tem tanto dinheiro...

TENENTE – E se tivesse roubado, Hein?
(com dureza) Se tivesse roubado?

A CAM mostra Inhôzinho que, sem falar, tem um olhar (eventualmente faz um gesto) que insinua: “Só se tivesse roubado!” A CAM volta ao tenente:

TENENTE – Tá bem. É o que eu queria sabê. Venha dizê isso na delegacia. Cabo,

conduza a testemunha.

A cena termina sôbre êsse plano do tenente que ainda acompanha com o olhar a levantada de Inhôzinho, arruma os cabelos, demonstrando leve fadiga pelo trabalho empreendido.

52 – CASA DE ALAMY : RUA – FORUM . ESCADARIA – EXT. DIA

Alamy sai de casa e caminha levando uma pasta na mão.

124



Sôbre a caminhada de Alamy, entra o leteiro:
13 de Janeiro, 1938 - A narração informa:

NARRADOR – O advogado dos Naves
obteve um habeas-corpus. Êles devem ser
soltos.

Alamy subindo as escadarias que levam ao
Forum.

53 – FORUM . SALA DO JUIZ – INT. DIA

Alamy está sentado diante do juiz lendo um papel
que êle lhe deu. Ràpidamente, com irritação, ao
perceber do que se trata, devolve o papel quase
atirando-o sôbre a mesa do juiz e diz:

125

ALAMY – Isso, o tenente já mandou dizer
ao Juiz de Uberlândia. É uma deslavada
mentira, o senhor sabe disso. Os Naves
nunca mais saíram da prisão, a não ser
pra apanhar loge da cidade.

JUIZ – O que tenho em mãos é isso,
doutor Alamy. Êle diz que já soltou uma
vez e não quer se expôr às iras da cidade,
o que aconteceria soltando os irmãos sem
uma solução para o caso.

Alamy faz um esforço para se conter.

ALAMY – A Justiça não tem que se haver com opiniões, mas com os fatos, com a lei!

Alamy tira do bolso ou da pasta, um envelope e, apontando para o juiz, continua:

ALAMY – E a lei está sendo desrespeitada, senhor juiz. É mais uma violência. (mostra) O alvará de soltura é que tem de ser cumprido. Como juiz substituto desta Comarca, o senhor tem que cumprir o que a lei manda.

126

O juiz apanha o papel que lhe foi enviado da delegacia. Olha para êle e depois de uma pausa, sem levantar os olhos, querendo encontrar uma saída para a sua situação, retruca:

JUIZ – ... Com um simples papel o senhor quer me indispôr contra todos. Veja bem, doutor Alamy: se não houvesse suspeita, se o Joaquim não tivesse confessado, se nada tivesse acontecido, o senhor acha que o tenente iria fazer tanta pressão sobre êles?

Alamy fala quase em tom de fúria e desabafo:

ALAMY – Quer dizer que em vez de respeitar a lei, o senhor prefere admitir a violência?

O juiz se recompõe na sua dignidade ofendida:

JUIZ – Não prefiro nada, doutor Alamy!
E nem admito que ninguém ataque a minha dignidade!

Alamy, medindo a desvantagem de uma alteração com a magistratura, retoma um tom mais sereno, porém firme:

ALAMY – Ninguém pensa ofendê-lo, senhor juiz. Apenas desejo que o senhor, como autoridade responsável, cumpra o que está dentro de sua competência.

127

Menos irritado, com atitude moderada e aparentemente sincera, o juiz declara:

JUIZ – Sou escravo da lei, doutor Alamy.
Jamais agiria contra ela.

A CAM em PAN vai do juiz até Alamy que segura com firmeza o papel que tem na mão.

54 – FRENTE DA CADEIA PÚBLICA. ENTRADA EXTERIOR – EXT. DIA

Diante da porta da cadeia, um soldado a Ana

Rosa, olhando também para os colegas:

SOLDADO I – Vocês já viram chifre em cabeça de cavalo?

Os soldados riem, inclusive o próprio.

Ana Rosa, com uma marmita ou cesta, angustiada, espera uma resposta. Outro soldado, fingindo parar a gozação, lhe diz irônicamente:

SOLDADO II – A senhora não precisa trazê comida pra êles aqui.

SOLDADO I – É já tão solto.

SOLDADO II – Vai vê, até já chegaram em casa.

128

Novo riso dos soldados.

Ana Rosa vê a impossibilidade de levar a marmita para os filhos, vai embora com expressão de desalento.

55 – FORUM . ESCADARIA – EXT. DIA

Um advogado sobe as escadas do Forum, enquanto a narração informa:

NARRADOR – O dinheiro não é encontrado. O pai de Benedito depois da confissão

de Joaquim, passa a acreditar que os Naves assassinaram mesmo seu filho. Nomeia um advogado para representá-lo.

56 – FORUM . SALA DO JUIZ – INT. DIA

O advogado do pai de Benedito e o juiz conversam. A cena se inicia no meio da conversa.

JUIZ – Doutor, estou no cargo só de passagem. Sou apenas um juiz de paz; sou contador de profissão. Não me caberá a mim julgar o crime. O que o advogado dos Naves disse, é justo: o habeas-corpus tinha que ser cumprido.

129

ADVOGADO – Meritíssimo, de fato, os Naves já deviam estar soltos. Entretanto, tudo leva à convicção de que Benedito foi mesmo vítima de um crime, existem provas, indícios veementes. Benedito não sumiria assim com tanto dinheiro. Além disso o próprio Joaquim Naves já confessou... A confissão é detalhada e verossímil.

Essa última frase é dita com destaque. Há uma pausa. O juiz tem uma reação de convencimento:

JUIZ – É, é como tôda a gente acha.

ADVOGADO – O promotor também pensa assim. A cidade exige a punição do crime. Se o delegado soltar os Naves, êles poderão fugir à ação da Justiça ou dificultar ainda mais o encontro do dinheiro, o que é pior.

JUIZ – Isso é verdade. (indeciso) O senhor acha que além da denúncia... devia-se aceitar... dispôr... a prisão preventiva dos denunciados.

ADVOGADO – Não há dúvida, é o remédio legal. Cabe perfeitamente: denúncia e prisão preventiva.

130

57 – DELEGACIA. SALA DO DELEG. – INT. DIA

A cena se inicia com um corte brusco, em meio a uma frase do tenente, nervoso, diante de Joaquim:

TENENTE – ...O DINHEIRO! O que vocês fizeram com o resto do dinheiro? A tua cunhada me disse que deu 2 conto pras despesa do advogado. E o resto, onde tá?

Com Inhôzinho, num ficou. No buraco, também num tava.

JOAQUIM – Num tava, não senhor.

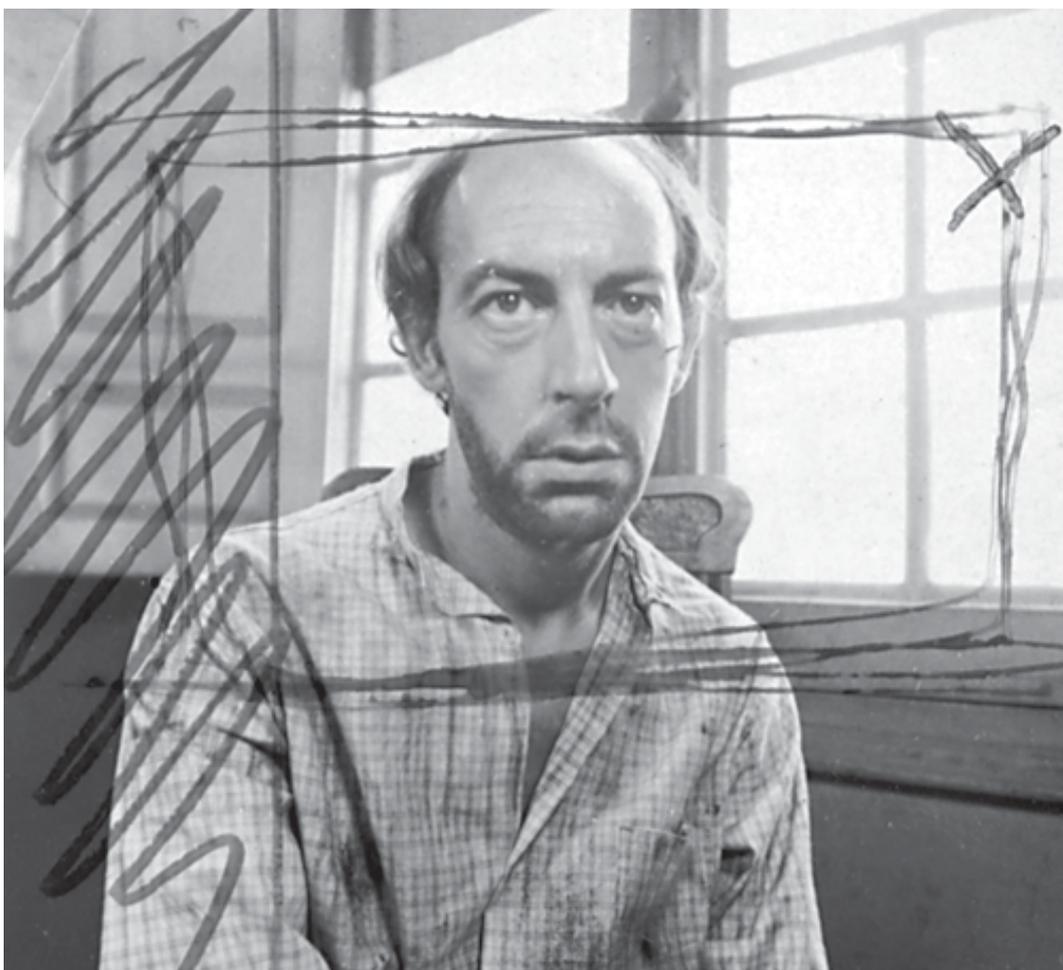
TENENTE – Aonde é que vocês meteram o dinheiro quando ficaram com mêdo? Deram pr'aquêle advogado? Deram pra sua mãe? Vamos, me diga.

Joaquim, sem ânimo, apenas murmura:

JOAQUIM – É.

TENENTE – Ficou com ele então?

JOAQUIM – É.



TENENTE – Tua mulher, a Antônia Rita, ela viu que você deu o dinheiro pra sua mãe?

JOAQUIM – É.

Do plano de Joaquim murmurando, corta rápido para:

58 – DELEGACIA . PORÃO – INT. DIA

Uma menina de colo, chorando nos braços esticados de um soldado que a levanta para o alto.

132 Antônia Rita grita desesperadamente, segurada por outro soldado.

O tenente, mostrando um punhal, ameaça:

TENENTE – Vamo, mulher. Conta tudo direitinho. Conta ou o soldado vai jogá tua filha pro ar pra eu apará aqui com a faca. Vamo! Soldado, joga a criança. Joga!

Antônia Rita suplica.

O soldado faz movimentos como se fôsse lançar a criança no ar e o tenente se prepara como se fôsse escorá-la com o punhal. A cena toma um ar de jôgo.

Antônia Rita acaba cedendo, apavorada. Dirá tudo que êle quiser, contanto que não matem sua filha.

O tenente excitado com a brincadeira recompõe-se.

Antônia Rita chorando, desfigurada, repete mecânicamente, feito autômato, enquanto abraça a filha:

ANTÔNIA RITA – Eu digo, eu digo tudo o que o senhor quisê, eu digo, num me mata minha filha, pelo amor de Deus! (etc...)

133

59 – DELEGACIA. CORREDORES E SALAS – INT. NOITE

A CAM percorre lentamente as dependências da delegacia. Um menino de dois anos e meio está junto ao soldado que está sentado num banco. O soldado Jonas comove-se com a situação e tenta afagar a criança. A CAM continua até outros dois soldados, Turquinho e Pretão, que estão distantes dali, numa outra sala, conversando despreocupadamente.



↑ SAFETY



↑ SAFETY

GEVAERT



GEVAERT SAFETY



GEVAERT SAFETY

A CAM segue ainda. Sôbre essas imagens ouve-se a voz do tenente, de Salvina e chôro de criança. As vozes aumentam à medida que a CAM se aproxima da dependência onde êles se encontram.

SALVINA (OFF) – Não, seu tenente, meu marido é inocente! É inocente. Num fez nada. Num matou ninguém! Êle dormiu a noite inteira, do meu lado. Num saiu de casa de noite.

TENENTE (OFF) – Desgraçada. Eu vou acabar matando teus filhos se você não confessar. Dormiu coisa nenhuma. Saiu com o Benedito e o Joaquim. Matou êle lá na ponte do Pau Furado. Roubou o dinheiro.

SALVINA (OFF) – Não é verdade, seu tenente, num foi êle.

TENENTE (OFF) (mais furioso ainda) – Num minta, sua descarada. O Joaquim já falou, tua cunhada também. Como é que você não tem vergonha de mentir dêsse jeito? Espera, eu sei o que você tá querendo. Você vai falá de qualquer jei-

to. Você vai falar agora, sua desgraçada. Pera aí.

O tenente, suado, com os cabelos em desordem, em manga de camisa, aparece na porta da sala gritando:

TENENTE – Turquinho! Pretão!

Os dois soldados se apresentam. O tenente ordena.

TENENTE – Tirem a roupa dessa mulher, eu sei o que ela tá querendo. Vamos, tirem a roupa.

Os dois soldados avançam para Salvina que está com um nenê ao colo, chorando mais alto.

Salvina luta com êles, tentando se desvencilhar. Um dos soldados segura Salvina e a imobiliza. O tenente grita novamente:

TENENTE – Vamos, bota fora a roupa dela. Um dos soldados arranca a blusa de Salvina que grita enquanto o soldado está para arrancar a combinação.

SALVINA – Pelo amor de Deus! Por Nossa Senhora, seu tenente! Pára! Num faça isso. Pelo amor de meus filhos. Eu digo o que o senhor quiser. Eu digo, eu digo.

Salvina também entra em crise e repete mecânicamente súplicas e afirmações, enquanto o tenente com um gesto manda soltá-la. Essa cena deverá ser feita com extrema discreção, a CAM praticamente não entrando na sala onde está Salvina.

60 – CASA DE ALAMY. ESCRITÓRIO – INT. DIA

138 Detalhe de uma gaveta se abrindo e aparecendo um revólver calibre 38. Não entra em campo e apanha a arma.

Vemos Alamy apanhar o revólver.

A CAM mostra sua mulher, Odete, diante dêle, apreensiva. Alamy diz:

ALAMY – Não se inquiete não, Odete. Não ando armado à tôa. O tenente já passou de tôdas as medidas. Até na frente do Prefeito, com aquêle sorrisinho êle insinuou novamente que eu sabia onde estava o dinheiro.

ODETE – Você está fazendo o seu trabalho. Êle não teria coragem. Tem limite pra tudo.

ALAMY – É o que todos pensam. Com êle, nunca se sabe. O tenente não respeita mais nada.

Durante êsse diálogo, Alamy fica mexendo na arma. Após a última frase, ou simultâneamente com ela, coloca o revólver na cintura e fecha o paletó. Então, entram OFF vozes do Tribunal, o oficial de justiça tomando o juramento da primeira testemunha.

61 – FORUM. SALA DE AUDIÊNCIAS – INT. DIA

O oficial de justiça toma o juramento da primeira testemunha, Miguel Camarano:

OFICIAL – (texto provisório) A testemunha aqui presente promete dizer a verdade, sòmente a verdade e tôda a verdade, no que lhe fôr perguntado?

CAMARANO – Assim o prometo.

Camarano senta.

Na frente dêle estão Alamy, o promotor-adjunto, farmacêutico Moisés, o advogado do pai de Benedito, oficiais de justiça, o escrivão e o juiz substituto.

O juiz lê uma pergunta formulada para a testemunha:

JUIZ – O senhor confirma que a confissão prestada pelo acusado Joaquim Naves Rosa à autoridade policial em sua presença, foi espontânea?

CAMARANO – Sim.

Atrás de Camarano, na parte destinada ao público, está o tenente assistindo ao interrogatório, sentado numa cadeira. Tem fisionomia tranquila e satisfeita.

O promotor prossegue:

140

PROMOTOR – A testemunha presenciou alguma coação para que o denunciado procedesse à reconstituição do crime?

CAMARANO – Não senhor. Não presenciei nenhuma violência. O Joaquim mostrou com detalhes como praticou o crime.

PROMOTOR – A testemunha participou também da diligência em que o denunciado mostrou o local onde escondeu o dinheiro?

CAMARANO – Sim. Lá o Joaquim mostrou

duas árvores que serviam de baliza e uma moita onde ficou escondido o dinheiro. O advogado do pai de Benedito acrescenta uma pergunta que já se sabe de antemão que, embora perigosa, será respondida satisfatoriamente. Vê-se a reação do tenente.

ADVOGADO – E por que os senhores não encontraram o dinheiro?

CAMARANO – Já era tarde. Não se via mais nada.

A acusação se dá por satisfeita.

O tenente cruza as pernas.

O juiz autoriza:

JUIZ – O senhor advogado da defesa pode formular perguntas.

Alamy se levanta e depois de refletir um instante, pergunta:

ALAMY – A testemunha afirmou que a confissão do denunciado foi espontânea... Ela pode afirmar que não houve coação em sua presença, ou que não houve coação nenhuma?

O tenente se manifesta com um movimento qualquer.

Camarano decide confirmar com neutralidade:

CAMARANO – Não, não houve.

Alamy insiste e pergunta categórico:

ALAMY – Mas quando? Nem antes houve coação.

Camarano se vê obrigado a precisar:

CAMARANO – Na minha presença, não houve coação.

A resposta motiva impaciência do tenente que se levanta e faz uns passos na direção do promotor, enquanto Alamy faz nova pergunta:

ALAMY – A testemunha disse que presenciou a busca do dinheiro, que não foi encontrado. Antes de escurecer, o denunciado mostrou às testemunhas algum lugar onde tivesse escondido o dinheiro?

CAMARANO – Êle procurou em vários lugares e não se lembrava direito.

ALAMY – Joaquim confessou ter cavado o buraco com as mãos; a testemunha viu algo que pudesse ser o esconderijo?

Camarano demora para responder. O tenente se inquieta. Alamy acrescenta com veemência:

ALAMY – Afinal, viu algum buraco que tivesse sido cavado com as mãos onde pudesse estar o dinheiro? Viu ou não viu? Camarano sente que não pode escapar. Responde vacilante:

CAMARANO – Não... a gente só viu buraco de tatú e formigueiros.

O tenente tem uma atitude mais acentuada de impaciência, que é notada por Alamy. Alamy solicita ao juiz:

ALAMY – Meritíssimo, peço que conste dos autos estar a testemunha prestando declarações na presença do senhor Delegado de Polícia.

143

O advogado do pai de Benedito se levanta:

ADVOGADO – Protesto! É uma atitude insultória da defesa, Meritíssimo. O doutor Alamy insinua que a testemunha foi prejudicada, o que é um absurdo.

O tenente irritadíssimo faz um sinal para o promotor que se aproxima d'ele. O advogado da acusação continua:

ADVOGADO – (OFF) O senhor não pode admitir uma afronta d'esse tipo à Justiça,

Meritíssimo. Já não basta as perguntas capciosas feitas à testemunha?

ALAMY (OFF) – Afronta é o que estamos vendo aqui, Meritíssimo. Como é possível o senhor Delegado estar dentro do plenário?!

O tenente fala baixo ao promotor, em tom de advertência, mas não sem ironia:

TENENTE – Já passou da conta, seu Moisés... Num posso mais respondê pela segurança dêsse advogado, não.

Aflito e constrangido, o promotor procura reba-
ter:

144

PROMOTOR – Não precisa se exaltar, seu tenente... Depois eu falo com êle.

O tenente torna-se rude e diz:

TENENTE – Êle que se cuide.

Afasta-se rapidamente em direção à saída.

CORTA PARA:

Close de Hilário, o chofér que conduziu o tenente em várias diligências, ouviu os tiros no “fuzilamento” de Sebastião e Joaquim, e depois serviu de testemunha na “reconstituição” do crime e

na “busca” do dinheiro.

O interrogatório toma agora um tom mais exacerbado. Alamy procura desmascarar Hilário:

ALAMY – Com seu carro, o senhor conduziu a polícia em várias diligências, não é mesmo?

Hilário olha para os lados. O tenente não está ali para lhe dar apoio. A acusação não se manifesta. Ele responde com má vontade:

HILÁRIO – É...

ALAMY – Que finalidade tinham essas diligências?

HILÁRIO - ?

ALAMY – O senhor não sabe ou não quer dizer pra que serviam essas diligências?

O promotor adjunto exaltado, levanta-se e protesta:

PROMOTOR – Senhor Juiz! O advogado está provocando a testemunha!

Alamy se irrita e lhe diz no mesmo tom:

ALAMY – Já não tolero mais insultos, seu Moisés!... Tenho direito de esclarecer a pergunta se a testemunha não consegue ou não quer responder.

O juiz faz menção de querer intervir. O advogado da acusação aparteia:

ADVOGADO – O senhor está fazendo suposições descabidas, doutor Alamy!

ALAMY – Não pedi lições ao colega. Sei o que devo ou não perguntar.

O juiz tem uma expressão de impotência. Alamy continua:

ALAMY – Afinal, o senhor não quer dizer para que serviam essas “viagens” com o tenente, os Naves e os soldados?

HILÁRIO – Eu fui chamado para assistir a confissão do Joaquim...Depois a gente foi vê êle mostrá como matou o Benedito...

ALAMY – Mas das outras vêzes que o senhor foi para o campo com o tenente e os Naves, o senhor não viu nada?

HILÁRIO – Não, num vi.

ALAMY – Quer dizer que o senhor acha que não havia nenhum motivo para o delegado levar os Naves “passear”?

HILÁRIO – Não sei.

Alamy desabafa diante do caradurismo da testemunha:

ALAMY – Não percebeu nada nesses passeios? Não viu os Naves serem espancados? Não viu tortura nenhuma?

HILÁRIO – Não senhor.

Alamy tem um gesto de raiva total pelo cinismo de Hilário e diz com amargura, afastando-se dêle:

ALAMY – Nunca vi tanta impudência e covardia!

O juiz toca a campainha para acalmar o ambiente.

Em particular, o promotor diz baixo a Alamy, com veemência, achando-se também atingido pelo desafôgo do advogado:

PROMOTOR – O senhor não passa de tôdas as medidas, doutor! Em vez de dizer essas coisas, devia não provocar o tenente. Seria bem melhor.

CORTA PARA:

Ouvem-se as últimas palavras do juramento feito por Inhôzinho. Inhôzinho depõe:

INHÔZINHO – Assim o prometo...

Antes que o juiz possa perguntar, Inhôzinho faz um gesto como quem deseja dizer algo. Fala num tom queixoso e com certo temor:

INHÔZINHO – Antes de mais nada... Eu tenho umas coisa pra dizê, seu Juiz...

O promotor e o advogado da acusação ouvem com apreensão. Alamy não se manifesta.

Inhôzinho continua:

INHÔZINHO – ...Tô com mais de sessenta ano... Na minha vida vivida nunca passei tamanha aporrinhção e sofrimento...

O juiz tenta intervir:

148

JUIZ – Por favor, a testemunha tem que se restringir aos fatos pelos quais foi chamada.

Inhôzinho faz nôvo gesto:

INHÔZINHO –... O que tô contando tem que vê c'ô caso, seu Juiz. Sô home de bem... Sempre respeitei os outro... Nunca tive nada co'a polícia...

O advogado da acusação temeroso, resolve intrometer-se:

ADVOGADO – Seu Oliveira, o senhor tem que depôr sôbre o que já declarou ante-

riormente e não ficar contando histórias.
Reação de Alamy que pensa intervir também,
mas desiste vendo que Inhôzinho não desanima:
INHÔZINHO – Seu doutô... Preciso deixá
claro que num vim aqui acusá ninguém...
mas também num fiz nada de mal prá
apanhá do jeito que apanhei...



O juiz interrompe dando a palavra ao promotor:

JUIZ – O senhor promotor pode fazer perguntas.

Antes que Inhôzinho possa continuar o promotor pergunta:

PROMOTOR – O seu cunhado Sebastião José Naves estêve em sua casa querendo guardar três contos e quinhentos mil réis em sete notas de quinhentos, não estêve?

INHÔZINHO – Esteve sim senhor, mais num aceitei...

PROMOTOR – Se acha que Sebastião tinha algum motivo justo para guardar êsse dinheiro, porque o senhor não aceitou?

INHÔZINHO – Num aceitei porque num queria complicação pro meu lado...

O advogado da acusação conclui:

ADVOGADO – Quer dizer que o senhor recusou porque havia algo de ruim detrás da atitude de Sebastião?

Alamy bate na mesa e se levanta protestando:

ALAMY – Protesto!... O colega está incidindo sôbre conjecturas, seu juiz!

O juiz recusa com energia:

JUIZ – Não ceito o protesto, doutor Alamy... a pergunta é clara. A testemunha pode responder.

O advogado da acusação volta-se para Inhôzinho esperando a resposta:

O ambiente começa a confundir Inhôzinho que procura palavras para responder:

INHÔZINHO – ... Bastião me disse que era inocente...

PROMOTOR – Era costume de Sebastião lhe remeter dinheiro?

INHÔZINHO – Não.

ADVOGADO – O fato de Sebastião lhe pedir para guardar dinheiro foi uma atitude fora do comum então?

INHÔZINHO (embaraçado) – Sim, quer dizê...ê ele nunca me pediu...

ADVOGADO – O senhor pode afirmar que os três contos e quinhentos do Sebastião não eram parcela de uma quantia maior que ê ele não teria revelado pra não despertar mais suspeitas?

INHÔZINHO – Não, num sei...

ADVOGADO – Quer dizer que êsse dinheiro podia ser parte de uma quantia maior?

INHÔZINHO – Sim... podia.

Alamy tem uma reação mais forte de quem quer explodir. O advogado da acusação faz uma nova pergunta com rapidez:

ADVOGADO – Logo, o dinheiro que Sebastião levou podia ser tirado dos noventa contos do Benedito, já que podia ser parte de uma quantia maior? Não podia?

INHÔZINHO – Podia, sim senhor.

152

ADVOGADO – Está bem, é só isso.

Alamy se levanta exaltado e diz ao mesmo tempo em que o advogado se dá por satisfeito:

ALAMY (ao Juiz) – O senhor não pode permitir que se formulem questões tão absurdas como essa! Faço questão que conste dos autos o meu protesto contra a atitude indigna da acusação.

O juiz não toma conhecimento e diz:

JUIZ – A defesa pode fazer perguntas...

Alamy vendo que não consegue convencer o juiz, retempera-se e se volta para Inhôzinho:

ALAMY – Como é que o senhor foi intimado a prestar declarações na polícia?

Inhôzinho está meio atordoado ainda com o modo em que se conduz o interrogatório. Faz uma pausa para ordenar os pensamentos e depois conta:

INHÔZINHO – Bem.. o seu tenente apareceu lá na fazenda c’os soldado... Foi logo me maltratando... Eu num tinha dinheiro nenhum... Êle num quis acreditá... aí me deu duas bordada nos ouvido que tô surdo inté agora. Eu num tenho nada que vê c’os noventa conto...

ALAMY – O senhor achou estranho Sebastião levar três contos e quinhentos no bolso?

INHÔZINHO – Não senhor... Bastião sempre levava dinheiro... inté mais que aquê-le...pra fazê uns negocinho.

ALAMY – Gostaria que esclarecesse bem esta questão: o senhor recusou os três mil e quinhentos por que acreditava fazerem parte do dinheiro do Benedito?

INHÔZINHO – Não senhor... eu só num queria complicação pro meu lado.

ALAMY – O senhor em algum modo suspeitou que o Sebastião roubou os noventa contos do Benedito?

INHÔZINHO – Não senhor. De jeito nenhum.

O escrivão anota a resposta de Inhôzinho.

CORTA PARA:

62 – FORUM . ESCADARIA – EXT. DIA

154

Acompanhada pelo Tenente, Antônia Rita sóbe as escadas para entrar no Forum.

63 – FORUM . SALA DE AUDIÊNCIAS – INT. DIA

Antônia Rita, trêmula, como uma demente, depõe automaticamente, em voz baixa e rápida, sem que se façam perguntas. Os planos de Antônia Rita alternam-se com planos do tenente que está ao fundo da sala, e planos de Alamy que encara o policial.

ANTÔNIA RITA – Eu tava deitada quando ouví o Quinca convidá êle pra ir até

Uberlândia. Era mais de duas da madrugada. Depois o Quinca voltou sem o Benedito, de manhãzinha. Aí apareceu o Bastião. E o Quinca me falou que iam procurá o Benedito. Eu num tava entendendo nada.

Há uma pausa como se alguém fizesse uma pergunta. Ela continua:

ANTÔNIA RITA – Foi meu marido que desinterrou o dinheiro e deu pra mãe dêle. Tava enrolado num pano riscado de vermelho e branco. Num sei onde ela guardou. Minha sogra falô pra num contá nada do sumiço do Benedito... ia complicá a situação do Quinca. Por isso eu mentí. Depois eu disse a verdade pro seu tenente. A minha sogra num presta. Foi ela que ficou c’o dunheiro. Foi ela que pediu pra num dizê a verdade.

Alamy sente-se penalizado pelo estado a que foi reduzida Antônia Rita. Antes de iniciar o interrogatório, quer registrar um protesto:

ALAMY – Senhor Juiz, peço que fique registrado nos autos que a testemunha

está sendo inquirida em presença do Senhor Tenente Delegado de Polícia.

A atitude de Alamy era esperada pelo tenente que resolve deixar o Tribunal, sem falar com o gesto de quem diz: “Pode deixar, vou embora”. Mais ao fundo permanece Turquinho.

Alamy começa o interrogatório, tentando acalmar Antônia Rita e ganhar a sua confiança:

ALAMY – Antônia Rita, no dia em que você contou essas coisas ao delegado, você só estêve la na delegacia?

Antônia Rita vacila e parece querer acordar:

156

ANTÔNIA RITA – Não... tive na cadeia.

Plano de Turquinho.

ALAMY – E porque você estêve na cadeia?

Antônia Rita fica hesitante, inquieta, não responde.

ALAMY – O que aconteceu antes de você contar tudo isso pro delegado?

Antônia Rita se amedronta e começa, sem mais perguntas de Alamy, a repetir aquilo que disse ao juiz:

ANTÔNIA RITA – Meu marido entregou o dinheiro pra mãe dêle. Tava num pano

riscado de vermelho.

Alamy sente-se impotente diante do automatismo de Antônia Rita:

ANTÔNIA RITA – Minha sogra não presta. Foi ela que ficou c’o dinheiro. O Quinca deu o dinheiro, ela escondeu. O dinheiro tá cum ela. Ela me pediu pra num dizê a verdade. Ela num presta.



O depoimento de Antônia é interrompido por um corte brusco.

CORTA-SE PARA:

O escrivão que se levanta e lê:

ESCRIVÃO – A um protesto do senhor advogado da defesa, pelo Meritíssimo Juiz foi dito que ficasse constando que durante grande parte das declarações prestadas pela informante Antônia Rita de Jesus, o Senhor Tenente Delegado de Polícia estêve ausente da sala aludida e que durante a sua presença não interveio de forma alguma no respectivo sumário de culpa.

158

Da leitura do escrivão, corta-se para:

Salvina, mulher de Sebastião, depõe. A cena se inicia de chôfre com o promotor lendo uma pergunta que havia já escrito.

A cena é direta e sêca, sem nenhuma delonga. Salvina, embora abatida e fraca, responde com firmeza, tornando-se mais segura, mais decidida a cada pergunta, em vez de se dobrar à acusação:

PROMOTOR – A senhora tem certeza que o seu marido não saiu de casa na noite de domingo, dia 28 de novembro?

SALVINA – Meu marido não saiu de casa. êle dormiu a noite inteira.

O advogado do pai de Benedito como das outras vêzes, toma o comando; irrita-se e faz as perguntas em modo mais agressivo à medida que vê Salvina desmontar tôda a máquina da acusação:

ADVOGADO – A senhora estava dando remédio de noite a seu filho há vários dias. Como é que a senhora pode afirmar que foi exatamente nessa noite que êle não saiu de casa?

SALVINA – Eu me lembro: foi justamente nessa noite que o Benedito sumiu.

ADVOGADO – Mas o Joaquim confessou que nessa noite êle saiu com seu marido e o Benedito. Como é que a senhora nega?

SALVINA – Eu não sei se o Joaquim disse isso. Nessa noite meu marido não saiu de casa. Tenho certeza. Eu acordava tôda

hora, eu ví! Se o Joaquim saiu, num posso dizê...num sei o que se passa de noite na casa dos outro.

ADVOGADO – Você não sabe que o Joaquim já confessou que o dinheiro que êle e o Sebastião roubaram foi entregue à sua sogra?

SALVINA – É o boato que ouvi. Mas o dinheiro que meu marido tinha era três conto e quinhento.

ADVOGADO – E para que seu marido estava com êsse dinheiro todo no bolso quando foi à fazenda do Inhôzinho?

SALVINA – Êsse dinheiro já tava cum êle antes. Era dêle. O dinheiro do Benedito, nós falamo pra êle só tirá do banco, quando fôsse embora pra fazenda. Aí êle falou que tava até pensando de num voltá mais prá fazenda.

ADVOGADO – Benedito falou isso pra você diretamente, ou você ouviu dizer?

SALVINA – É... é... ouvi dizê. Uma vez êle até disse pro Bastião que queria corrê mundo.

ADVOGADO – E como você soube disso?

SALVINA – Porque... eu tava lá quando
êle disse.

O advogado da acusação sente-se um tanto derrotado pela firmeza de Salvina, mas tenta salvar alguma coisa:

ADVOGADO – Senhor Juiz, peço que se registre que a testemunha vacilou em responder a algumas perguntas da acusação.

JUIZ – Deferido.



ALAMY – Salvina, porque você esteve na cadeia?

SALVINA – Seu tenente me prendeu.

ALAMY – Bem. Mas por que é que ele fez isso.

SALVINA – Porque queria que eu dissesse que meu marido não tinha dormido em casa.

ALAMY – E você disse isso a ele?

SALVINA – Não senhor, eu não podia mentir. Aí ele me deixou dois dias presa com os meus filhos. Aí depois, ele chamou dois soldados que queriam tirar minhas roupas. Aí então, eu não queria, mas tive que mentir.

ALAMY – E tudo o que você está dizendo agora é verdade?

SALVINA – Sim senhor, o que eu estou dizendo agora é verdade.

Do close de Salvina dizendo “verdade”, corta para:

64 – DELEGACIA . PORÃO. INT. DIA

Plano de Sebastião, inerte, o corpo relaxado,

sentado no chão, com os braços em cruz, amarrados numa trave fixada na parede do porão.

Sôbre êsse plano, a narração informa:

NARRADOR – A resistência de Sebastião chega ao fim: êle também confessa. O tenente obtém dos irmãos o que quer, só não consegue encontrar o dinheiro.

A CAM se aproxima até close de Sebastião.

65 – CASA DE ALAMY – EXT. DIA

Alamy na rua vem vindo em direção à sua casa. A CAM o enquadra até êle chegar em PP diante dela e em seguida, afastar-se novamente entrando em sua casa.

163

Sôbre essa imagem, entra a narração:

NARRADOR – Ao contrário da ordem processual, os denunciados são interrogados depois das testemunhas. O advogado dos Naves não é notificado de nada.

66 – FORUM. SALA DE AUDIÊNCIAS – INT. DIA

Partindo de um PP do juiz, a CAM se afasta e descobre o conjunto constituído pelo juiz, o escrivão, o promotor, o advogado da acusação, oficiais de justiça, etc...Durante o movimento, ouve-se a voz do escrivão:

ESCRIVÃO (OFF) – ... compareceu o denunciado Sebastião José Naves que se achava livre de ferros e sem coação de espécie alguma, ao qual fêz o Meritíssimo Juiz, as seguintes perguntas:

JUIZ (OFF) – Tem o denunciado algo a alegar a bem de sua defesa?

164

Quando o juiz acaba sua pergunta, a CAM chega a Sebastião, combalido, olhando para o chão, que responde de modo etéreo:

SEBASTIÃO – Não... não.

Após um corte, a CAM continua seu movimento, durante o qual se ouve a voz do juiz:

JUIZ (OFF) – Tem o denunciado algo a alegar a bem de sua defesa?

No fim dessa pergunta, a CAM chega a Joaquim que, sonado, responde:

JOAQUIM – Meu irmão é que quis, êle que quis matá o Benedito.

O interrogatório de Joaquim é feito com cortes sobre cortes, êle respondendo a perguntas da promotoria que não são ouvidas:

((Promotor – Como foi que você matou?))

JOAQUIM – Foi com êle que eu matei...porque êle insistiu.

((Promotor – O que é que vocês fizeram depois do crime?))

JOAQUIM – A gente enterrou o dinheiro, no mato.

((Promotor – O que fizeram mais tarde com o dinheiro?))

JOAQUIM – Meu irmão mandou trazê pra cidade. Eu contei cum êle o dinheiro...lá na cozinha de casa. Fiquei c’o dinheiro.

((Promotor – E depois?))

JOAQUIM – Entreguei prá minha mãe. Ela disse que podia ficá descansado...ia guardá. Num ví mais o dinheiro, num vi mais o dinheiro.

Ouve-se novamente a voz do juiz:

JUIZ (OFF) – Tem a denunciada algo a alegar a bem de sua defesa?

Ana Rosa esbraveja:

ANA ROSA – Tô inocente! Meus filho também são inocente. O Quinca tá doido. O Bastião tá doido. A Antônia Rita tá doída. Eu num recebi dinheiro nenhum. Tem gente da família que já sofreu do juízo... Se não foi doidice, foi pancada... Eu também sofri. O Bastião também. Êle me disse que ia ter outro aperto se dissesse que matou o Benedito. Num ia podê dá conta do dinheiro. Meus filho num mataram ninguém. Num roubaram ninguém. Foi tudo pancada. Foi tudo sofrimento.

166

Durante as últimas palavras de Ana Rosa, vêem-se Joaquim e Sebastião, relaxados, aniquilados, entregues, inertes (o que poderá ser dado por um correr lento de lágrimas). Após uma interrupção, ouve-se ainda a voz de Ana Rosa:

ANA ROSA (OFF) – Não assino, não assino nada, nenhum papel. É tudo mentira nos papel. Eu sou inocente.

Do plano dos Naves, a CAM se afasta, mostrando os três prostrados em suas cadeiras.

67 – RUA DO FORUM – EXT. DIA

Plano geral do Forum, com o letreiro: **17 de Março, 1938**

De longe, vemos Alamy chegar à frente do Forum.

Na porta da cadeia, êle se aproxima de um soldado e troca com êle algumas palavras, que não são ouvidas.

Depois de um instante, a CAM se aproxima de Alamy e do soldado, o qual está de costas para o interior da cadeia.

Respondendo a um sinal de Alamy, um prêso, que está na cela situada em frente à porta da cadeia, indica com mímica a sala da guarda, ao fundo do corredor, onde Joaquim e Sebastião estão amarrados e amordaçados.

Alamy se despede do soldado e encaminha-se para a escada que leva ao Forum.

167

68 – FORUM. SALA DE AUDIÊNCIAS – INT. DIA

É a primeira audiência do nôvo juiz de Araguari. Êle recebe o corpo jurídico da cidade e faz uma alocução de posse:

NÔVO JUIZ – Não me quero alongar demais, nobres advogados... Como dizia Rui Barbosa na sua memorável oração aos moços: “De nada aproveitam leis, não existindo quem as apare contra os abusos; e o amparo sôbre todos essencial é o de uma justiça tão alta no seu poder, quanto na sua missão. Desde os meus idos e saudosos tempos da faculdade, sempre me pautei por êsses princípios. Por êsses Brasís afora, no mais longínquo dos sertões bravios, jamais deixei de punir os malfeitores e não vacilei em usar pulso de ferro quando se precisou impôr duramente o respeito à lei. Ao ter a subida honra de assumir esta Comarca, posso assegurar-vos que permanecerei fiel a essa inabalável conduta. Podeis estar confiantes e tranquilos.

Aplausos.

Alamy apresenta o alvará de soltura:

ALAMY – Meritíssimo, congratulo-me com Vossa Excelência e aproveito a audiência para solicitar o cumprimento

de um habeas-corpus que foi concedido antes de sua chegada, pelo juiz da Comarca de Uberlândia. Trata-se de um caso grave. É o segundo habeas-corpus que obtenho sem conseguir que os favorecidos sejam postos em liberdade.

Alamy estende ao juiz o papel dizendo:

ALAMY – Tenha a bondade.

O juiz lê rapidamente e no verso ou embaixo exara uma ordem, dizendo:

JUIZ – Perfeitamente. Cumpra-se. Senhor Oficial de Justiça!

O mesmo oficial de justiça que prendeu Ana Rosa, aproxima-se e o juiz ordena:

JUIZ – Faça o favor de dar execução a êste alvará de soltura.

O oficial de justiça com atitude profissional, porém cética, apanha o papel, dizendo:

OFICIAL – Em seguida, Meritíssimo.

O oficial sai e a CAM o acompanha por um instante enquanto se ouve a voz do juiz off:

JUIZ (OFF) – Quero ainda ressaltar aos Senhores que dentro do mais breve tempo possível, colocarei em dia o anda-

mento das lides dêste Tribunal.

Off: algumas vozes de pessoas falando com o juiz.

CORTA PARA:

Alamy, no plenário vazio, em atitude de espera, está lendo o quadro de informações do Forum. Entra no plenário o oficial a quem foi entregue o alvará e se encaminha para a sala do juiz. Alamy segue com os olhos o oficial de justiça.

170

Do ponto de vista de Alamy, vemos ao fundo o oficial penetrar na sala do juiz. Um instante depois, Alamy continua esperando e da porta pela qual entrou o oficial, sai o juiz, que vai andando na direção da porta de saída do Forum, como se quisesse evitar Alamy. Quando passa perto dêle, o juiz diz friamente:

JUIZ – O delegado informou que não solta os denunciados. Diz que tem diligências a cumprir ordenadas pelo outro juiz.

Alamy e o juiz se encaminham lado a lado para a porta de saída. Corta para:

69 – ESCADARIA DO FORUM – EXT. DIA

O juiz e Alamy estão saindo do Forum. Alamy fala:

ALAMY – Meritíssimo, é mais uma invenção do delegado. Ele quer fazer com o Senhor o que já fez antes.

JUIZ – Como assim, Doutor?

ALAMY – É a violência de sempre, Meritíssimo. Os prêsoes estão aqui embaixo amarrados e amordaçados, como animais.

JUIZ – Pode ficar descansado. Mandarei averiguar.

O juiz faz um gesto e desce alguns degraus acompanhado por Alamy que o pára no outro patamar da escada. Alamy insiste:

ALAMY – Ninguém aqui tem mais coragem de enfrentar o tenente. O Senhor mesmo tem que ir.

O juiz acha Alamy um pouco inconveniente:

JUIZ – Doutor, a justiça tem seus procedimentos. Sei como agir.

ALAMY – Perdão, Meritíssimo, mas a situação exige uma atitude drástica.

O juiz indaga bastante intimidado:

JUIZ – O que o Senhor quer dizer com isso?

ALAMY – O Senhor mesmo tem que entrar na cadeia e ver em que estado se acham os prêso.

O juiz se sente perplexo e atemorizado:

JUIZ – Isso... isso seria leviano... perigoso.

ALAMY – É a única maneira com êsse delegado.

JUIZ – Seria insensato. Acabo de tomar posse. Não me conhecem aqui. Posso correr o risco de sofrer desacato.

ALAMY – Ninguém em Araguari nunca desrespeitou um juiz togado.

Alamy põe discretamente a mão sôbre o seu paletó na altura onde se encontra o revólver e afirma:

ALAMY – Eu desço também e o senhor não será desacatado. Eu garanto.

JUIZ – Meu rapaz, admiro seu nobre gesto, mas não posso aceitar. O jovem advogado tem pela frente uma brilhante carreira. Não pode comprometer-se com

um gesto impulsivo dessa natureza. Não. Absolutamente não. Os instrumentos legais enfrentarão a violência.

Os dois imobilizados, frente a frente, sugerindo a situação de impasse.

CORTA PARA:

70 – DELEGACIA. CORREDORES E SALA DO DELEGADO – INT. DIA

Entra na Delegacia um Coronel da Fôrça Pública, de quepi, uma pasta embaixo do braço.

173

O Coronel entra na sala do tenente.

O tenente e o escrivão que estavam distraídos com algum afazer, levantam-se prontamente com a chegada do Coronel.

O Coronel chega e se coloca frente a frente ao tenente, sem que se pronuncie uma só palavra.

71 – FORUM. SALA DO JUIZ. INT. DIA

TRAV. Detalhe do calhamaço dos autos do processo que já está com 150 páginas.

Logo no início, ouvimos a voz off do juiz lendo trecho da sentença de pronúncia, enquanto a CAM, do detalhe, segue em plano próximo até enquadrar o juiz que está redigindo:

JUIZ (OFF) – O crime de que se ocupa êste processo é da espécie daquêles que exigem do julgador inteligência aguda...

Sem interrupção da voz off, o juiz pára de escrever um breve instante e recomeça, enquanto a CAM recua no mesmo eixo da mesa ou abaixando, até mostrar o conjunto da sala, com a mesa abarrotada de livros, e o juiz no centro do quadro.

174

Em off, o juiz termina a leitura do trecho:

JUIZ (OFF) – ... pois, no Juízo Penal, onde estão em perigo a honra e a liberdade alheias, deve o julgador preocupar-se com a possibilidade tremenda de um êrro judiciário.

Numa das paredes, retrato do Presidente da República e do Interventor do Estado.

72 – ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA – INT. DIA

Em ângulo, vemos o promotor escrevendo apressadamente.

Ouve-se off a voz do advogado do pai de Benedito:

ADVOGADO (OFF) – Por circunstâncias fortuitas, não foi possível, infelizmente, a obtenção do corpo de delito direto.

Sôbre a mesa, alguns livros.

73 – CASA DE ALAMY . ESCRITÓRIO – INT. DIA

175

Alamy, em ângulo oposto ao em que foi visto o promotor, também escreve, enquanto se ouve off a sua voz:

ALAMY (OFF) – Mas era necessário o encontro do cadáver ou a apreensão do dinheiro, ou dos sinais possíveis. Nada se deu.

Sôbre a mesa, alguns livros.

74 – FORUM. SALA DO JUIZ – INT. DIA

O juiz se levantando, desprende os olhos do papel que está sôbre a sua mesa, e olha meditativo ao dizer com voz de leitura:

JUIZ – É certo que não há notícia do paradeiro da vultosa soma.

75 – DELEGACIA . SALA DO DELEGADO – INT. DIA

176 Junto à mesa do delegado, um coronel da Fôrça Pública anda inquieto na frente do tenente e lhe diz incisivamente:

CORONEL – O senhor não me dá conta do dinheiro. Vim aqui pra resolver.

O tenente abre os braços e diz consternado:

TENENTE – Mas, Coronel, fiz o que pude. Não foi por desleixo.

76 – CASA DE ALAMY . ESCRITÓRIO – INT. DIA

Alamy escrevendo, enquanto off se ouve sua voz, com certa veemência:

ALAMY (OFF) – O delegado teve o cuidado de segregar os denunciados para submetê-los ao martírio. É o terror mais hediondo. Diante dêle, até o inocente se acusa.

77 – FORUM. SALA DO JUIZ – INT. DIA

O juiz passeia pela sala com uma fôlha de papel na mão, enquanto em off se ouve a sua voz meio compungida:

JUIZ (OFF) – Informa o patrono dos acusados que tais confissões são produto de maus tratos e desumanidade.

177

78 – ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA . – INT. DIA

O promotor dando alguns passos de costas, afastando-se da CAM e virando-se para a objetiva no final da frase que pronuncia em off o advogado do pai de Benedito, sem ser visto:

ADVOGADO (OFF) – O denunciado Joaquim Naves Rosa confessou em presença de testemunhas idôneas.

79 – FORUM. SALA DO JUIZ – INT. DIA

O juiz folheando páginas do calhamaço, enquanto em off se ouve sua voz ponderada:

JUIZ (OFF) – Compulsadas as páginas do processo com a maior cautela, não se divisa, porém, a prova de extorsão das declarações dos inculpados.

80 – CASA DE ALAMY . ESCRITÓRIO – INT. DIA

178

Alamy sentado bate com o punho sôbre a mesa e se recosta na cadeira, olhando para a CAM com indignação. Ouve-se off sua voz incisiva e rápida:

ALAMY (OFF) – Não se pode tomar por confissão o que se obtém forçadamente.

81 – ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA – INT. DIA

O promotor dá uma volta em frente à CAM que o acompanha em PAN e senta-se à mesa, desvendando-se ao lado dêle o advogado do pai de Benedito, que diz às últimas palavras da fala inicialmente ouvida em off:

ADVOGADO – (em parte OFF) No entanto conseguiu a polícia confissão dos réus e suas espôsas que, pela sua fluência e pela descrição dos detalhes não podem ser argüidas de mentirosas.

82 – FORUM . SALA DO JUIZ – INT/ DIA

O juiz andando com o calhamaço na mão e dizendo sem tirar os olhos do que lê, como se tivesse feito uma grande descoberta nos autos do processo:

JUIZ – As informações de Antônia Rita são impressionantes, pois desvendam a conversa íntima havida entre marido e mulher, revelam o bárbaro crime nos mínimos detalhes.

179

Termina de falar com um olhar de quem se sentiu impressionado com o que leu.

CORTA PARA:

Detalhe dos autos do processo sendo as páginas carimbadas por uma mão, enquanto off se ouve

primeiro o comentário de Alamy:

ALAMY (OFF) – Há contradição nêsse excesso de detalhes arranjados.

E em seguida a réplica do juiz:

JUIZ (OFF) – E não se diga que tais declarações foram extorquidas pela Justiça.

No fim da fala do juiz, o carimbo se imobiliza um instante na ultima fôlha que foi carimbada.

83 – CASA DE ALAMY – ESCRITÓRIO – INT. DIA

180

Corta para um detalhe de um livro onde está assinalada a frase de Costa Manso que é pronunciada off por Alamy:

ALAMY (OFF) – “O valôr probatório da confissão provém da espontaneidade de quem a presta”, ensina Costa Manso.

84 – FORUM . SALA DO JUIZ – INT. DIA

Corta para detalhe de outro livro, na mesa do juiz, onde está salientado o nome ou a frase de Edgar Costa que pronuncia a voz off do juiz:

JUIZ (OFF) – A confissão do réu prestada na polícia constitui meia prova, como adverte Edgar Costa...

Corta para o juiz escrevendo, enquanto em off continua sua voz:

JUIZ (OFF) – ... até mesmo a confissão alcançada por meio de torturas, uma vez que coincida com as demais circunstâncias do crime.

85 – DELEGACIA. SALA DO DELEGADO – INT. DIA

O coronel está sentado na mesa do tenente e diz:

181

CORONEL – O senhor Chefe de Polícia quer esclarecer o crime duma vez por tôdas.

O tenente em pé ao lado dêle, humilde, se pronuncia:

TENENTE – Sem dúvida: o senhor me diga o que devo fazer.

O coronel se mostra categórico e confiante:

CORONEL – Eu vou cuidar disso. Comigo o Sebastião fala.

O tenente tenta argumentar:

TENENTE – Mas, Coronel, os prêso são sob guarda da justiça.

O coronel se levanta como se fôsse agir:

CORONEL – Deixe comigo.

86 – FORUM. SALA DE AUDIÊNCIAS – INT. DIA

Sôbre um plano do plenário vazio, ouve-se off a voz do juiz:

JUIZ (OFF) – Se de um lado se levanta a acusação forrada de monstruosidades, do outro se ergue a voz da justiça, imparcial e humana, por isso mesmo sujeita às contingências da fatalidade.

182

87 – CASA DE ALAMY. ESCRITÓRIO – INT. DIA

Alamy melancólico olhando pela janela, semi-voltado contra a CAM, enquanto se ouve a sua voz off, pausada e lânguida:

ALAMY (OFF) – Há em tudo isso uma paixão tão grande e desarrazoada, que envolve os próprios aplicadores da justiça.

88 – FORUM. SALA DO JUIZ – INT. DIA

O juiz olha impassível para a CAM que avança na trajetória inversa à descrita da primeira vez em que foi visto o juiz no início da pronúncia (nº 70), até enquadrá-lo em PP, enquanto off se ouve a sua voz ponderada:

JUIZ (OFF) – Julgo procedente a denúncia para pronunciar, como pronuncio, os indivíduos Joaquim Naves Rosa e Sebastião José Naves.

OBS. 1) As cenas da pronúncia n.70, 87 serão filmadas com um ar de fim de tarde, que vai escurecendo;

2) Serão filmadas para essas cenas, detalhes de Forum, objetos, livros, etc., que sirvam para a complementação visual da cena.

183

89 – FRENTE DA DELEGACIA – EXT. MADRUG.

Um carro de aluguel está parado frente à entrada da cadeia.

Do interior da cadeia, sai o coronel seguido de uma escolta que segura Sebastião. Antes de ga-

nhar a rua, o coronel dá um rápido olhar para os lados, certificando-se de que não é visto e rapidamente ordena que os soldados coloquem Sebastião dentro do carro. Os soldados cumprem a ordem. O coronel entra na parte da frente e o carro vai embora.

90 – DESCAMPADO DA FAZENDA DO ZÉCA PÓLVORA – EXT. DIA

Sebastião, de ceroulas, segurado por 2 soldados, berra:

184

SEBASTIÃO – Num posso dar conta do dinheiro, seu Comandante. Como é que eu posso? Ninguém pode. Só o Benedito. Foi êle que foi embora com o dinheiro. Nós num matamo êle. Minha Nossa Senhora sabe. Juro por Deus.

CORONEL (a um soldado) – Fecha a bôca dêsse cachorro.

Um soldado segura na nuca enquanto outro agarra com uma turqueza, os lábios de Sebastião, que está de mãos amarradas nas costas.

CORONEL – Passeia um pouco com êle.

Sebastião é puxado por um soldado e o coronel observa.

O soldado dá uma longa volta e Sebastião geme surdamente ou grita quando a turqueza lhe fere os lábios. Depois de um certo tempo, o soldado traz Sebastião de volta e o joga aos pés do coronel, a bôca inchada e ferida por dentro, soltando sangue. Sebastião fala enrolado:

SEBASTIÃO – Num sei do dinheiro. Por Nossa Senhora. Tenha pena de mim.

O coronel manda amarrar Sebastião numa árvore. Êle é então surrado, socado.

O coronel pega um pau e bate em todo o corpo, na cara, nas pernas de Sebastião.

Ainda amarrado, êle desfalece. Os soldados o desamarram e Sebastião vai escorregando até cair completamente.

Um soldado vendo o seu estado de inanição completa, segura-lhe o rosto. Dá umas palmadas para reanimá-lo. Nada.

O SOLDADO – Ih, acho que tá morrendo, Coronel.

CORONEL – Levanta êle. Vamos. Faz êle acordar.

Um soldado tenta levantar Sebastião, que não tem a menor reação. O coronel lentamente joga fora o porrête que tem na mão.

Um soldado que ainda se esforça para reanimar Sebastião, volta-se para o coronel:

O SOLDADO – Num tá aguentando mais, seu Coronel, parece que tá morrendo mesmo. Nun dá sinal.

CORONEL – Bota a roupa no homem. Soldados vestem Sebastião. Corta no meio da cena:

186

O grupo andando, já afastado da árvore em que Sebastião fôra amarrado.

O coronel anda na frente, e os dois soldados carregam Sebastião.

O coronel se volta e constata que Sebastião continua sem sentidos. Parece-lhe ocorrer uma idéia:

CORONEL – Solta o homem aí. Vamos dizer que fugiu.

Os soldados soltam Sebastião e o grupo continua a andar.

CORTA PARA:

Urubus voando.

CORTA PARA:

Plano de Zéca Pólvora a cavalo. Pára; olha os urubus que estão a boa distância dêle. O fazendeiro faz um gesto para orientar o cavalo na direção dos urubus.

Plano do corpo de Sebastião no mato.

Zéca Pólvora desce do cavalo e chega perto de Sebastião. Em seguida o fazendeiro apanha Sebastião. Coloca-o na garupa do cavalo e vai embora.

187

91 – CASA DE ZÉCA PÓLVORA – INT. DIA

Zéca Pólvora penetra por uma porta, que é a do quarto onde se encontra Sebastião.

No quarto, Sebastião está deitado, acordado.

ZÉCA – Olha, num tá direito o que tão fazendo. Mas num posso ir contra a lei.

Tem que ser de acôrdo com ela. Num posso deixá você ficá.

SEBASTIÃO (reage) – Eu sei, seu Zéca. Eu também quero prová que sou inocente. Só que num guento mais...

ZÉCA – Vou pedi garantia. Você num vai apanhá mais. Só te entrego nessa condição.

SEBASTIÃO – Minha Nossa Senhora vai fazê aparecê o Benedito. Num vai me deixá morrê êsse sujeito, ela num vai...

188

92 – RUA DA CIDADE – EXT. DIA

Um Ford de bigode dentro do qual se encontram Zéca Pólvora e Sebastião ao seu lado, passando pela cidade.

De dentro do carro: Sebastião no banco da frente e gente curiosa na rua olhando passar o carro. (a cena é vista sempre de dentro do carro).

93 – DELEGACIA. SALA DO DELEGADO – INT. DIA

Em pé, junto à mesa, o coronel está colocando apressadamente alguns papéis dentro de uma pasta.

Próximo a êle, também em pé, de braços cruzados, o tenente acompanha os gestos do seu superior e diz com certa satisfação:

TENENTE – O povo todo tá comentando a volta do Sebastião...

O coronel pára um instante e afirma como se revidasse a uma eventual provocação:

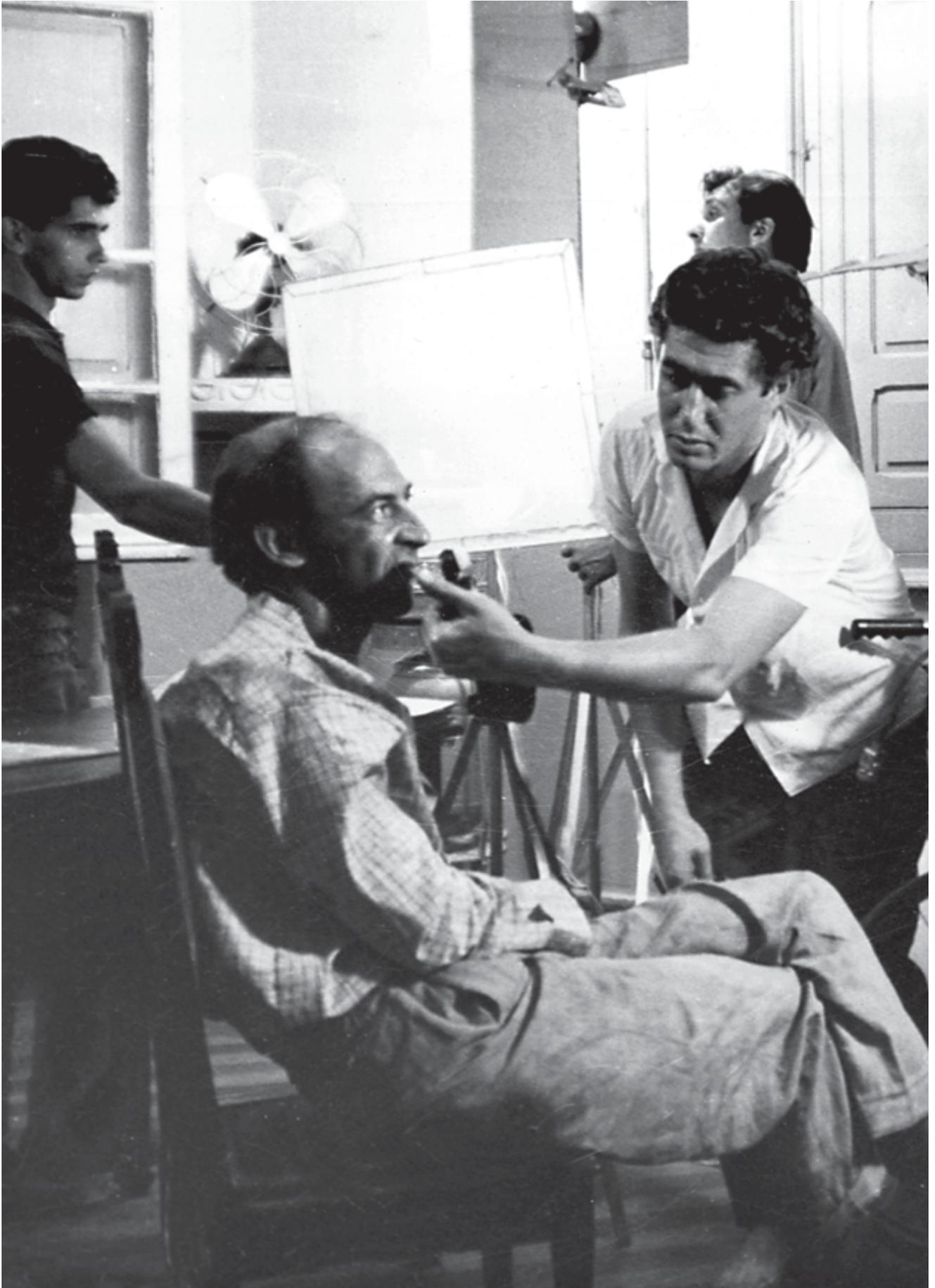
CORONEL – Êle não voltou, tenente... Êle foi recapturado, o que é bem diferente...

O tenente se cala. O coronel fecha a pasta concluindo:

CORONEL – Em todo caso... minha missão está terminada.

Os dois tomam posição de sentido e batem continência.

Sôbre a imagem do coronel entra o ruído de apito e partida de trem.





SEGUNDA VERSÃO DAS CENAS Nº 89 A 93

DESCAMPADO – EXT. DIA

Plano próximo do coronel que observa algo fora de campo. Ouvem-se apenas gritos e gemidos de Sebastião.

Do ponto de vista do coronel, ao longe, vemos Sebastião de mãos amarradas nas costas, sendo puxado por uma turqueza que lhe prende os lábios, levado por um soldado que vai na frente, enquanto outro caminha próximo a êle. Sebastião e o seu algoz dão voltas pelo campo.

192

O coronel na mesma posição de antes.

Os soldados chegam diante do coronel trazendo Sebastião e o arremessam ao chão.

Sebastião fica caído no chão desfalecido, parou de gemer e não exala um murmúrio sequer.

O coronel olha para êle e encara os soldados numa expressão de impotência e perplexidade.

Os soldados lhe retribuem da mesma forma como se não soubessem mais o que fazer e aguardassem ordens.



Com certo furor reprimido, o coronel se afasta dos soldados e, de costas para a CAM, dá alguns passos, demonstrando que nada pode obter de Sebastião.

Dentro de um carro de aluguel que está parado próximo ao descampado, vemos o tenente que, sem nenhum gesto ou emoção especial, olha de soslaio para o campo na direção do coronel.

Visto de uma certa distância, o coronel, de mãos para trás, anda sem objetivo.

Sôbre essa imagem, entra o letreiro: **14 de abril, 1938,**

194

E a narração informa:

NARRADOR – Nada se acrescenta ao processo contra os Naves. Falham tôdas as tentativas. Nenhum sinal do dinheiro.

94 – FORUM – SALA DE AUDIÊNCIAS – INT. DIA

A sala de sessões lotada. Atrás da grade de madeira o público ocupa integralmente o espaço que lhe é reservado indo até a porta de entrada, entreaberta, por onde se vê também a aglomeração de gente que está apinhada no patamar e

escada abaixo. (Eventualmente um plano do exterior do Forum antes, mostrando a quantidade de gente)

Sôbre êsse plano entra o letreiro: **27 de junho, 1938**

Do ponto de vista do público, vê-se em plano geral o juiz, o escrivão, oficiais de justiça, o promotor, e o advogado da acusação ao fundo, todos juntos à cátedra do juiz, encimada por uma imagem de Cristo. Em PP, de costas, dentro do mesmo take, cabeças de pessoas que impedem a CAM mostrar perfeitamente o espaço que separa o juiz do estrado de madeira onde se acham os jurados que poderão participar do Conselho de Setença. Os jurados são diferenciados pela roupa do resto do público: mais ou menos bem trajados, aparentam ser profissionais liberais e comerciantes; as mulheres, professoras do interior.

Já sôbre a primeira imagem do Tribunal, misturada a um certo vozerio normal e ruído de gente se movimentando, ouve-se a voz do juiz terminando de fazer as perguntas de praxe para o réu que responde sem ser visto ainda.

Plano próximo do juiz que pergunta:

JUIZ – O réu Sebastião José Naves tem algo a alegar a bem de sua defesa?

Em contra-campo do juiz, a CAM se aproxima de Sebastião que está de pé ao lado de seu irmão, Alamy e dois soldados desconhecidos que montam guarda aos réus.

A CAM vai se aproximando de Sebastião que começa a falar depois de uma certa pausa, titubeante, nervoso:

SEBASTIÃO – Tudo que disse foi de medo e pancada, seu juiz... Sofri inté num pôde mais, pra soltá as mentira dêsse processo... Me davam purgante... me amarravam, me surravam tanto, tanto que depois num podia mais... Meu corpo se encheu de sangue...inté minha mãe apañhou... deixaram ela núa... aguentei 38 dia... Aí tive que falá mentira... qualquer um falava daquêle jeito... Juro por Deus e meus filho... sou inocente.

Os jurados parecem ser francamente desfavoráveis ou desinteressados. Alguns conversam. Outros olham para os acusados com curiosidade.

Ao fim da fala de Sebastião, o juiz pergunta a Joaquim o mesmo que a seu irmão:

JUIZ – O réu Joaquim Naves Rosa tem algo a alegar a bem de sua defesa?

Joaquim responde com olhar apavorado, medroso, suplicante:

JOAQUIM – Num matei... num fiz nada, seu juiz... sou INOCENTE... Falei por causa dos espancamento, das ameaça, falei por causa de seu delegado... Tudo que eu disse foi pra num sofrê mais. O delegado me forçou...

Falou até que tinha matado meu irmão... Êle vai me batê ainda mais, seu juiz... Pelo amor de Deus... Num me manda mais pro seu delegado... Êle vai me batê de novo, seu juiz...

Joaquim é tomado de uma crise nervosa.

O juiz toca a campainha.

Silêncio na sala. Em TRAV a CAM recúa dos réus já sentados, CAM baixa, mostrando em duas fileiras laterais a êles, idiante de duas carteiras longas e estreitas, uma em frente à outra, quatro jurados de um lado e três do outro, dentre os quais uma senhora. Permanece o silêncio duran-

te o tempo completo do plano. Em seguida, corta para Alamy, na tribuna, cum uma pasta sob as mãos, perturbado, olhando na direção dos jurados e em seguida do juiz, tentando dominar-se para fazer sair a voz, subentendendo-se que êle já iniciou a defesa e agora prossegue:

ALAMY – Senhores Jurados, ainda que se aceitasse a hipótese de um latrocínio, era necessária a apreensão do dinheiro, ou o encontro do cadáver, ou qualquer outro indício, um vestígio, um sinal possível. NADA! Absolutamente nada! A não ser a confissão dos denunciados que agora, diante do Meritíssimo Juiz, diante do Conselho de Sentença, desmentem essas falsas confissões, como todos ouviram de viva voz!... Porém, vamos supor que não houvesse retratação. Onde a prova da coisa subtraída ou da subtração da coisa? Onde o dinheiro? E onde a morte da pessoa? Êsses elementos cuja ausência o Meritíssimo Juiz desprezou na sua douta sentença de pronúncia, – onde estão, Senhores Jurados?

Alamy continua falando embalado, há uma ligeira movimentação entre o público, no lado da porta de entrada. Ouve-se a sua voz:

ALAMY (OFF) – Poder-se-ia dizer ainda mais... Poderia ser dito que, além da confissão, existem presunções. Mas, como sentença Whitaker, “ a presunção é o raciocínio que liga o fato certo ao probando.”

Do meio do público, aparece a figura do tenente, vestido em uniforme de gala, túnica branca, botões dourados. O tenente chega junto à cancela da grade de madeira que separa o público do plenário. Abre-a e entra.

199

ALAMY – E não há dentro destes autos, um fato certo, um indício sequer, e muito menos uma presunção...

Alamy pára de falar e olha na direção da cancela.

O tenente adentra o plenário.

Alamy não consegue mais falar.

O Juiz não sabe o que fazer.

O público se coloca em expectativa. Um plano do público mostra um grupo que está junto à porta. Amigos de Alamy que veremos adiante.

O tenente em passo lento passa diante dos jurados.

Reação dos jurados, que se viram para Alamy. Silêncio sepulcral. O tenente chega enfim a cátedra do juiz, volve-se, encosta-se numa posição de espectador que deseja continuar a ouvir o espetáculo interrompido pela sua entrada.

Alamy toma fôlego. Olha para os lados. Vê os Naves. O público silencioso. Levanta o olhar mais para o lado da porta por onde o tenente entrou. Volta-se para o juiz. Encara o tenente. Vira os olhos na direção dos jurados outra vez e tomando alento, começa a falar, baixo, mas claramente, pausado, medindo as frases, fazendo apenas pausas de tomada de fôlego:

ALAMY – A polícia... existe... para proteger a sociedade. A organização policial é um órgão do Estado. É remunerada, é paga com o dinheiro de todos nós. Ela é a guardiã da ordem e da lei. O Estado é constituído para servir a sociedade. Servindo o Estado, a polícia deve nos servir. É essa sua função. Mas essa polícia, que aqui está, essa polícia amedrontou,

espancou, triturou êsses dois homens agora sentados no banco dos réus. Violentou as testemunhas, intimidou o povo desta cidade, nos ameaçou quando estávamos cumprindo o nosso dever! Essa polícia, que não é polícia mas é outra coisa, está querendo agora nos acovardar. Ela julga ser a lei, Senhores Jurados, mas ela não é a lei. Ela é a violência. Ela julga ajudar a Justiça. Mas vai contra essa mesma Justiça. Sua presença desrespeita a pessoa do Meritíssimo Juiz, desafia os Senhores Jurados. Todavia, apesar dessa afronta, é necessário tomar fôrças para julgar. O que podem ver os Senhores Jurados? O que é isto que acontece diante de vós, senão uma repetição de tudo o que vem sendo feito desde o início dêste processo? Está provado aqui, nêstes autos que tenho sob as minhas mãos.

O tenente começa a andar na direção da cancela do plenário, pára no meio e olha para Alamy que está do lado de lá dos jurados.

ALAMY (OFF) – Essa polícia... desde o início, esteve presente da mesma forma acintosa, aviltante, com que agora quer perturbar a imparcialidade do julgamento.

Alamy reage à intimidação; no mesmo embalo, frontalmente, ataca:

ALAMY – Mas ela se engana! A defesa está aqui para cumprir o seu dever, custe o que custar. (pausa) A defesa não aceita essa intimidação! A Defesa espera que os jurados, homens honrados, ciosos de suas prerrogativas de liberdade, também recusem, também repudiem a impostura dessa violência!

202

Corta para o tenente: num movimento brusco, êle atravessa a cancela e abre passagem no meio do público. Corta para Alamy:

ALAMY – Se outras provas não existissem, se tôda a violência não fôsse já do conhecimento da cidade inteira, agora, com seus próprios olhos, os Senhores Jurados podem ver êste fato inédito na história do Júri. Ainda uma vez, dentro da própria

Casa da Justiça, se pretende impedir a defesa dos inocentes.

95 – FORUM. ESCADARIA – EXT. DIA

O tenente fala para um homem alto que está rente à porta e que talvez já tenha sido visto na cena anterior:

TENENTE – Vou acabá com isso à bala.

O HOMEM – A gente tá aqui prá garanti o Dr. Alamy, seu Delegado. Se o senhor atirá, vai sair balas daqui de cima também.

203

O tenente, com ódio contido, retira-se.

Durante a cena, ouve-se a voz de Alamy:

ALAMY (OFF) – Pelo que viram os Senhores podem avaliar o que sofreram os acusados, êles, sua veneranda e respeitável mãe, suas mulheres. Os jurados não só tiveram agora, mas terão ainda mais uma confirmação da violência, com as testemunhas que apresentarei em seguida.

96 – FORUM . SALA DE AUDIÊNCIAS – INT. DIA

CORTA PARA ALAMY:

ALAMY – Mas depois disso, diante do que já foi demonstrado, depois do que acabaram de presenciar, qual a solução que se impõe à consciência do homem livre? Qual a conclusão de quem não viu prova da existência de um crime, de um latrocínio? Onde o cadáver? Onde o dinheiro? Nada, senão o fruto da tortura monstruosa e ilegal. Os senhores jurados não podem cometer o mesmo engano da sentença de pronúncia. É preciso repelir esta afronta à lei. Sendo assim se não quiserem aceitar a farsa de um crime sem cadáver, de um roubo onde não há o dinheiro, se não quiserem aceitar a impostura da violência, se não quiserem praticar uma grande injustiça, eu vos peço: absolvam os réus.

97 – FORUM – ESCADARIA – EXT. NOITE

De noite, o Forum iluminado, de portas fechadas, com a escadaria repleta de gente. Gente apinhada em baixo do Forum pela escada e pátio. Vários grupos conversam. Vozerio. Ao homem com quem falou o tenente na cena n.94, um outro homem diz:

OUTRO HOMEM – É, o tenente não voltou.

O HOMEM – Ele sabe que a gente tá aqui pra defendê o Alamy.

205

CORTA PARA:

98 – FORUM . SALA DE AUDIÊNCIAS – INT. NOITE

Tôdas as pessoas que serão apresentadas nesta cena estão com ar muito cansado.

O oficial de justiça recolhe votos dentro de uma urna, parando diante de cada jurado.

Plano do Promotor e do advogado da acusação, observando a votação. Expressão de expectativa. Plano de Alamy, com mesma expressão.

Plano dos Naves, indiferentes.

Plano do Juiz:

JUIZ – Ao 5o. quesito por mim formulado, a resposta é não, tendo sido encontrado na urna 6 cédulas com voto negativo e uma com voto positivo.

Sôbre essas últimas palavras, plano de Alamy inquieto.

JUIZ – Deixo portanto de formular os quesitos restantes por estarem prejudicados pelas respostas aos anteriores. O júri deverá agora se manifestar sôbre os quesitos da 2a. série referente ao réu Joaquim Naves Rosa. 1o.quesito: “O réu Joaquim Naves Rosa, no dia 29 de novembro de 1937, cêrca das 3 horas da madrugada, às margens do Rio das Velhas, próximo à ponte do Pau Furado, situada nesta comarca, aplicou no pescoço de Benedito Pereira Caetano uma corda de bacalhau, constringindo-o?”

Sôbre essa leitura, nova passagem da urna e recolhimento de votos.

CORTA PARA:

Público penetrando na sala.

O juiz termina de lavrar a sentença, com ar aliviado, e se levanta.

Todos o imitam, os réus, os jurados, todos.

O juiz lê a sentença diante do tribunal cheio:

JUIZ – Em conformidade com as decisões do Conselho de Sentença, tomadas por maioria absoluta de votos, julgando improcedentes a acusação levantada pela Justiça Pública contra os réus Sebastião José Naves e Joaquim Naves Rosa, eu os absolvo e mando que transitando em julgado a decisão, se dê baixa dos seus nomes no rol dos culpados e sejam postos em liberdade se por al não estiveram presos. Custas, pelos cofres do Estado...

Durante essa leitura da sentença, a CAM mostra os Naves, Alamy, o público, e volta para o juiz que lê a última frase da sentença. Imediatamente ao final, corta para:

99 – CADEIA PÚBLICA. CORREDOR – INT. NOITE

Um carcereiro abre a porta de uma cela e entram os Naves.

A porta rapidamente se fecha sobre eles.

100 – FORUM. ESCADARIA – EXT. DIA

Encontro entre o Juiz e Alamy, em estilo que lembra o encontro que tiveram no mesmo lugar. O juiz fala primeiro, demonstrando tranquilidade:

208

JUIZ – Não vejo como o senhor pode sentir-se assim, depois de tão brilhante vitória, Doutor Alamy.

ALAMY – Estou preocupado com a apelação, Meritíssimo.

JUIZ – Ora, a apelação é pura rotina. Logo, logo, os Naves estão na rua, o senhor vai ver. Os indícios e presunções me obrigavam a fazer a pronúncia, mas o júri, sem dúvida, decidiu com pleno discernimento.

ALAMY – Mas não por unanimidade. E nesse caso, o senhor sabe, o júri já não

tem mais a sua soberania.

JUIZ – De modo algum, doutor Alamy, não há elementos para reformar da decisão do júri.

ALAMY – A sua pronúncia poderá influir mas do que o resto, Meritíssimo.

JUIZ – Não creio. O caso está encerrado.

101 – FORUM. SALA DE AUDIÊNCIAS – INT. DIA

Plano dos Naves se levantando, sôbre o qual vem o letreiro: **21 de Março, 1939**

Plano do juiz que entra no Tribunal e declara aberta a sessão.

Em seguida desenvolve-se o início da sessão, com o escrivão fazendo as perguntas de praxe aos réus e os réus respondendo. Trata-se de uma cena muda, feita em planos de conjunto, e durante a qual a narração informa:

NARRADOR – O Tribunal de Justiça do Estado acolhe a apelação da Promotoria e anula o processo por falta de votação dos quesitos de co-autoria. Pela segunda vez, os Naves são absolvidos pelo júri de

Araguari, mas de novo com um voto contrário.

Corta para um plano do promotor, sobre o início do qual, a narração informa:

NARRADOR – O Ministério Público apela pela segunda vez da decisão do júri.

PROMOTOR – Um fato que muito contribuiu para dificultar a descoberta dos autores do crime, foi estar à frente da delegacia um civil que, por sua absoluta falta de prática para este mistér, deixou os réus em liberdade, após haver tomado as suas declarações.

210

F U S ã O

102 – TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE MINAS GERAIS – EXT. DIA

Plano da fachada do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, sobre o qual entra o letreiro:

4 de Julho, 1939, e a narração informa:

NARRADOR – Os irmãos Naves são julgados pela terceira vez e condenados a 25

anos e 6 meses de reclusão pelos juízes do Tribunal de Justiça do Estado, que, em suas conclusões, afirmam:

NARRADOR II – “A pronúncia bem apreciou a prova com atenta análise. (...) Difícilmente se fará tão plena prova da autoria de latrocínio.”

Entra a música concreta em ritmo compassado, como no início do filme.

103 – PENITENCIÁRIA DE NEVES – EXT. DIA

211

Sôbre aspectos exteriores da Penitenciária de Neves, aparece o letreiro: **1940**.

A narração informa:

NARRADOR – Uma nova revisão do processo atenuou a pena e ao cumprirem oito anos de cárcere...

Sôbre o mesmo plano, entra o letreiro: **1946**.

A narração continua:

NARRADOR – ...os irmãos Naves ganharam a liberdade condicional.

Música em B.G.

104 – ASILO DE ARAGUARI – EXT. DIA

Sôbre aspectos exteriores do asilo de Araguari, surge o letreiro: **1948.**

A narração informa:

NARRADOR – Dois anos depois, após longa enfermidade, Joaquim Naves Rosa morre no asilo de Araguari.

Música em B.G.

212

105 – FOTOGRAFIAS FIXAS. TRUCAGEM

Sôbre fotografia fixa do autêntico Benedito Pereira Caetano, manchetes de jornais e outras fotos, entra o letreiro: **1952.**

NARRADOR – Sebastião José Naves encontra Benedito Pereira Caetano, escondido na fazenda do pai, para onde êle voltou depois de quinze anos. Êle não podia ser acusado de nada. Nada tinha a ver com o caso.

106 – CEMITÉRIO DE ARAGUARI – EXT/DIA

Cemitério de Araguari, vê-se uma sepultura rasa com o nome de Sebastião José Naves, entra o letreiro: **1964**.

A narração informa:

NARRADOR – Sebastião morre em 1964, dois anos depois de conseguir com o advogado Alamy, através de duras batalhas judiciais, uma indenização por aquilo que se resolveu chamar o *“Tremendo êrro judiciário de Araguari”*.

213

Cresce a música e entra a palavra:

F I M

Créditos das fotografias

Todas as fotografias pertencem ao acervo da família Person



fotolito, impressão e acabamento

imprensaoficial

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP
Fones: 6099-9800 - 0800 123401
www.imprensaoficial.com.br

O Caso dos Irmãos Naves

Um ato de coragem. Em plena ditadura militar, dois jovens ousaram realizar um filme contando o maior erro judicial da História do Brasil. Foi assim com ***O Caso dos Irmãos Naves***, em 1967, quando o diretor **Luis Sérgio Person** e o co-roteirista **Jean-Claude Bernardet** fizeram um filme forte e inesquecível, que pela primeira vez está sendo publicado em livro, como roteiro completo (incluindo uma apresentação de Bernardet).

Person (1936-76) foi um dos mais criativos e talentosos cineastas paulistanos. Depois de ter estudado na Itália, conseguiu estreiar com uma obra-prima, ***São Paulo S.A.***, que retratava as contradições da indústria automobilística e do crescimento da cidade. Seu filme seguinte foi este ***O Caso dos Irmãos Naves***, a reconstrução de um caso dramático, acontecido em 1937, durante a ditadura de Vargas, quando dois irmãos são acusados por um tenente pela morte de um homem que havia desaparecido, levando grande soma em dinheiro. Depois de sofrerem torturas e humilhações, eles são condenados. Mas eram inocentes. O roteiro se baseia no livro homônimo do advogado do caso, **João Alamy Filho**, e o filme contou com um elenco extraordinário: Raul Cortez, Juca de Oliveira, Anselmo Duarte, John Herbert, Lélia Abramo, Cacilda Lanuza e Sérgio Hingst.

Você pode agora reviver as emoções deste clássico do cinema brasileiro, ***O Caso dos Irmãos Naves***, nesta edição da **Coleção Aplauso - Cinema Brasil**, da **Imprensa Oficial do Estado**.

ISBN 85-7060-283-9



9 788570 602831